

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - PPGS**

ARTHUR SILVEIRA GUIMARÃES

**ALÉM DAS QUATRO LINHAS: ESTUDO SOBRE A
TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE JOVENS ATLETAS
DO FUTEBOL**

JOÃO PESSOA

2012

ARTHUR SILVEIRA GUIMARÃES

**ALÉM DAS QUATRO LINHAS: ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA
PROFISSIONAL DE JOVENS ATLETAS DO FUTEBOL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi.

JOÃO PESSOA

2012

ARTHUR SILVEIRA GUIMARÃES

**ALÉM DAS QUATRO LINHAS: ESTUDO SOBRE A TRAJETÓRIA
PROFISSIONAL DE JOVENS ATLETAS DO FUTEBOL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia para obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi

(Presidente/Orientador- Programa de Pós-Graduação em Sociologia/ UFPB)

Prof.^a. Dr.^a. Mônica Lourdes Franch Gutiérrez

(Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPB)

Prof. Dr. Marco Aurélio Paz Tella

(Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPB)

A meu avô Adherbal e ao meu tio Tata,
que me ensinaram
que o futebol vai além das quatro linhas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu xará, Artur Perrusi pela a orientação e parceria nesses dois anos de muita conversa sobre o futebol nordestino. Nesse pequeno período de convivência criamos uma camaradagem que vai além dos muros da UFPB e não tenho dúvida que isso realmente é o mais relevante;

a Mônica Franch que teve um papel importantíssimo nas discussões sobre idade. Graças ao seu toque esse trabalho ficou mais leve;

aos professores Adriano de Léon, Cris Furtado e Tereza Queiroz que muito me ajudaram nesse mestrado;

a CAPES pelo financiamento;

a Nanci e sua assistência nas questões burocráticas do PPGS;

a Liginha pela paciência, carinho e atenção. Sem sua ajuda não sei se esse trabalho seria o mesmo;

Aos meus pais que sempre serão os responsáveis por qualquer etapa acadêmica que eu alcance;

A Emilia Correia Lima e Gildimar Santos que me deram apoio e conselhos primordiais a conclusão desse mestrado;

A todos os integrantes da comissão técnica e administrativa do Auto Esporte Clube;

Aos garotos que compõe as categorias de base do Auto Esporte Clube. Desejo que suas pretensões sejam alcançadas;

Aos amigos de sempre.

O jogador

“O bairro tem inveja dele: o jogador profissional salvou-se da fábrica ou do escritório, tem quem pague para que ele se divirta, ganhou na loteria. Embora tenha que suar como um regador, sem direito a se cansar e se enganar, aparece nos jornais e na televisão, as rádios falam seu nome, as mulheres suspiram por ele e os meninos querem imitá-lo. Mas ele, que tinha começado jogando pelo prazer de jogar, nas ruas de terra dos subúrbios, agora joga nos estádios pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar [...] os empresários podem comprá-lo, vendê-lo, emprestá-lo; e ele se deixa levar pela promessa de mais fama e mais dinheiro. Quanto mais sucesso faz, e mais dinheiro ganha, mais está preso. Submetido a uma disciplina militar, sofre todo dia o castigo dos treinamentos ferozes e se submete aos bombardeios de analgésicos e às infiltrações de cortisona que esquecem a dor e enganam a saúde. Na véspera das partidas importantes, fica preso num campo de concentração onde faz trabalhos forçados, come comidas sem graça, se embেbede com água e dorme sozinho. Nas outras profissões humanas, o acaso chega com a velhice, mas o jogador de futebol pode ser velho com trinta anos. Os músculos se cansam cedo [...] A fama, senhora fugaz, não costuma deixar nem uma cartinha de consolo”.

(Eduardo Galeano)

RESUMO

A relação entre esporte e sociedade constitui-se em um tema de enorme relevância para os estudos das ciências sociais. Esta proposta consiste em investigar o futebol. Porém, percebendo este fenômeno relacionado com a questão de projeção profissional, considerando que o futebol no Brasil representa um projeto de vida para muitos jovens e suas respectivas famílias. Embora este trabalho apresente o futebol profissional como ponto de partida, o enfoque da pesquisa não será o esporte profissional de alto nível e rendimento. A proposta está direcionada para o momento de transição entre o futebol amador e o futebol profissional. Concentrar-se-á no percurso em que meninos transformam-se em profissionais do chamado mundo da bola. A partir das trajetórias de jovens atletas este trabalho tenta apresentar as nuances presentes no processo de produção de jogadores de futebol ao mercado da bola. A pesquisa foi realizada no Auto Esporte Clube, agremiação esportiva localizada em João Pessoa-PB. A metodologia utilizada para a coleta dos dados foi através da realização de uma pesquisa de caráter qualitativo, com base na utilização de entrevistas em profundidade e individuais com a utilização de gravador de voz e da observação direta, na perspectiva de conhecer melhor e perceber o ambiente em que se formam os atletas.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; sociedade; profissão; juventude

ABSTRACT

The relationship between sport and society is on a topic of great relevance to studies of social sciences. This proposal is to investigate the football. However, realizing this phenomenon related to the issue of professional projection, considering that football in Brazil is a project of life for many young people and their families. Although this work presents professional football as a starting point, the focus of research is not professional sports and high level performance. The proposal is directed to the moment of transition between amateur football and professional football. Focus will be on the way in which children become professionals in the called "world of the ball". From the trajectories of young athletes, this work attempts to present the nuances in the production of soccer players to the market of the ball. The survey was conducted in Auto Esporte Clube, college sports located in João Pessoa-PB. The methodology used for data collection was by conducting a qualitative study, based on the use of individual interviews and using the voice recorder and direct observation with a view to better understand and perceive the environment formed in the athletes.

KEYWORDS: football, society, profession, youth

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Evolução dos Direitos Trabalhistas do Atleta Profissional de Futebol.....	27
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. FUTEBOL E PROFISSÃO.....	16
1.1. O PROFISSIONALISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO.....	22
2. BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL: AS FACES DO MITO.....	29
2.1.O ESTADO BRASILEIRO E O FUTEBOL: A AFIRMAÇÃO DO SÍMBOLO NACIONAL.....	33
3. PONTA PÉ INICIAL.....	38
3.1. ENTRADA EM CAMPO.....	40
3.2. PROFESSOR NORMANDO.....	47
3.3. AS ENTREVISTAS.....	51
3.4. OS ATORES.....	52
4. O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL.....	61
4.1. O FUTEBOL EMPRESA: UM FÁBRICA DE CRAQUES.....	62
4.2. OS GAROTOS DO AUTO ESPORTE.....	65
4.3. ESTRATÉGIAS PARA PRODUÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL.....	66
4.4. AGENTE X PROCURADOR: UMA SUTIL, PORÉM RELEVANTE DISTINÇÃO.....	73
4.5. A PRODUÇÃO DE JOVENS ATLETAS E O ECA: UMA COMPLICADA RELAÇÃO.....	75

4.6. O SONHO DE SER RONALDO: O MITO DA PROFISSÃO FUTEBOL.....	79
4.7. O FRACASSO: A FACE DA PROFISSÃO QUE NÃO APARECE.....	88
4.8. O ANONIMATO: OS DIAS DE JOGOS DO FUTEBOL JUNIOR.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS: Auto esporte 4 x 2 ABC.....	112

INTRODUÇÃO

A relação entre esporte e sociedade constitui-se em um tema de enorme relevância para os estudos das ciências sociais. O futebol, por exemplo, em todo mundo movimenta bilhões de dólares anualmente. Os maiores eventos mundiais em cotas de patrocínio são: o campeonato mundial de seleções de futebol e os jogos olímpicos. No campo político, a FIFA tem mais países filiados do que a ONU, além disso, países que não se relacionam através de suas políticas externas, como Israel e Irã, participam juntos de eventos organizados pela FIFA.

Porém, são inúmeros os desafios enfrentados para quem se dedica a discutir esta problemática, principalmente pela escassez de trabalhos referentes sobre esta questão, pois, apesar de todas as implicações nos campos econômicos e sociais ao longo da história, foi só nas últimas décadas do século XX que os teóricos brasileiros debruçaram-se sobre o tema futebol (DA SILVA; SANTOS, 2006). Além disso, geralmente a grande maioria dos trabalhos produzidos, direcionados ao esporte, é realizado por pesquisadores de outras áreas que não a sociologia.

Eric Dunning e Norbert Elias (1992) tentam decifrar a razão pela qual há esta negligência por parte da sociologia em relação ao esporte. Para eles, no momento de estabelecimento dos pilares teóricos da sociologia moderna, o esporte não era considerado tema que inspirasse problemas sociais profundos, apesar de que até hoje não haja registro de sociedade que não tivesse algo equivalente ao desporto moderno.

Esta característica dos pilares da sociologia permite que alguns colegas da atualidade ainda vejam o esporte como instituição social “periférica”, sem valor à vida econômica e política. Isto muito se deve ao sentimento de que divertimento e prazer são atividades “irracionais” que não transmitem seriedade. Como afirma Eric Dunning,

O desporto parece ter sido ignorado como objeto de reflexão sociológica e de investigação, em especial, porque é considerado como algo que se encontra situado no lado que se avalia de modo negativo no complexo dicotômico de sobreposição convencionalmente aceito, como por exemplo, entre os fenômenos de “trabalho” e “lazer”, “espírito” e “corpo”, “seriedade” e “prazer”, “econômico” e “não econômico”. Isto é, no quadro da tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma atividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente, e sem valor econômico (ELIAS; DUNNING, P.1992 P. 17).

Pierre Bourdieu (2004), em relação à sociologia do desporto, afirma que o obstáculo para uma sociologia científica do esporte deve-se ao fato de que os sociólogos do desporto encontram-se duplamente dominados. A sociologia dos esportes é desdenhada pelos sociólogos e desprezada pelos esportistas.

Para o entendimento desta questão, Bourdieu exalta a importância da sociologia do conhecimento ao estudo da hierarquia dos objetos de pesquisa.

Um dos vieses através dos quais se exercem as censuras sociais é precisamente esta hierarquia de objetos considerados como dignos ou indignos de serem estudados (BOURDIEU, 2004, p.154).

Esta relação torna-se contraditória, pois nas sociedades contemporâneas podemos observar inúmeras situações relacionadas com o esporte que podem ser analisadas à luz do pensamento sociológico. Esta proposta de pesquisa inclui-se nesta conjuntura, ao propor averiguar as relações que envolvem os processos de transição da carreira de atletas de futebol.

Esta proposta consiste em investigar este fenômeno relacionado com a questão de projeção profissional, considerando que o futebol no Brasil representa um projeto de vida para muitos jovens e suas respectivas famílias, que em sua grande maioria é oriunda de meios populares que vêem, nos jovens com talento para esta prática esportiva, uma perspectiva de ascensão social. Influenciado pela mídia ilusória, garotos de todo país tencionam ser jogadores profissionais de futebol (GUERRA; SOUZA, 2008).

Embora este trabalho apresente o futebol profissional como ponto de partida, o enfoque da pesquisa não será o esporte profissional de alto nível e rendimento. A proposta está direcionada para o momento de transição entre o futebol amador e o futebol profissional. Concentrar-se-á no percurso em que meninos transformam-se em profissionais do chamado mundo da bola.

A projeção profissional envolve inúmeras questões além das quatro linhas do campo. O estudo da trajetória esportiva de um atleta tem características diferenciadas pelo perfil do atleta, pela cultura organizacional da modalidade esportiva e pelo ambiente socioeconômico em que estão inseridos (SAMULSKI; MARQUES, 2009). Estas variáveis são fundamentais para o entendimento deste processo: renda, família, escolaridade, planejamento profissional, etc., são pontos cruciais delimitadores do sucesso nesta profissão.

O trabalho, portanto, se propõe a identificar e analisar a carreira esportiva de atletas de futebol que deparam com a transição do esporte amador para o profissional. Nesta perspectiva, buscará compreender quais os processos sociais envolvidos nesta etapa da carreira profissional destes futebolistas.

O futebol é uma das principais instituições do Brasil. Contudo, este fenômeno social é pouco abordado diante de sua magnitude e relevância para a sociedade brasileira. Nas palavras de Franco Junior (2007), no Brasil, o futebol é bastante jogado, mas insuficientemente estudado. Se não bastasse, tem recebido explicações apenas parciais ou superficiais.

O futebol é uma metáfora possível das estruturas básicas, uma representação da vida social (MURAD, 2007). Entretanto, este esporte tende a ser explicado sociologicamente à luz de outras realidades.

Segundo Artur Perrusi,

Sua verdade está sempre deslocada de si mesmo, em outro lugar que não o do futebol. O ponto de referencia para compreendê-lo sempre esta fora de si mesmo, como se, somente através da política e da religião, por exemplo, o futebol pudesse ser realmente entendido. Enquanto tal, não seria inteligível; enquanto derivação de outra instancia, enfim seria compreendido (PERRUSI, 2000, p.15).

Na sociedade contemporânea, podemos observar inúmeras situações relacionadas com o futebol que podem ser analisadas à luz do pensamento sociológico. O futebol pode ser entendido como um campo de estudo composto de incontáveis formas de relações humanas. (PRONI, 2007).

O Brasil apresenta números impressionantes acerca do futebol. Segundo pesquisa realizada pela Fundação Getulio Vargas, este esporte movimentava R\$ 16 bilhões por ano, tendo trinta milhões de praticantes (aproximadamente 16% da população total), 800 clubes, 13 mil times amadores e 11 mil atletas federados (GRIJÓ, 2001).

Tais números representam a importância desse esporte para um país que “a Copa é a vida; o campo de futebol o mundo; e nosso excreto como dizia Nelson Rodrigues, uma clara extensão projetiva de nós mesmos – de nossos defeitos e qualidades” (DA MATTA, 2006, p.70).

Nesse universo, a trajetória de jovens brasileiros que buscam o sucesso profissional através do futebol apresenta um leque riquíssimo de possibilidades a serem estudadas pelas ciências sociais.

A evolução do futebol, até atingir a profissionalização, criou expectativas para jovens brasileiros que depositam, no futebol, a esperança não só de ascensão econômica e social, mas também como caminho para alcançar a fama. No entanto, toda carreira esportista é delimitada por etapas, especialmente a carreira futebolística. Ela é marcada por uma dedicação extenuante e etapas fundamentais de transição durante este percurso. Segundo Alfermann,

A carreira esportiva é composta de uma sequência de sucessivas fases, com períodos de transição, identificadas como: a transição do esporte infantil para o juvenil, seguida da transição para o júnior e, finalmente, para o adulto; a transição do esporte amador para o profissional e a transição para o término da carreira esportiva. (ALFERMANN Apud AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO. p.2).

Não há como estudar uma profissão isolada de um contexto em que está inserida (PERRUSI, 2004). É, portanto, evidente que a análise da profissão de jogador de futebol implica em considerar a posição econômica e social de seus atletas.

Prossegue Perrusi, afirmando que há várias abordagens referentes à noção de profissão, uma dessas, e a que mais se encaixa nesse sentido, é a conativa, quando apresenta ações e estratégias balizadas por interesses, seria a

Profissão como formas históricas de ações e estratégias para a defesa de interesses ocupacionais, procurando estabelecer mercados fechados e, ao mesmo tempo, conectando o monopólio à aquisição de status (PERRUSI, 2004, p. 86).

Com efeito, mesmo que o tema apresente grande importância para o entendimento das relações sociais e econômicas que envolvem esta etapa na vida de milhares de jovens brasileiros, o debate sobre a questão é escasso na literatura nacional. Nota-se, portanto, que apesar de o Brasil ser pentacampeão mundial de futebol e toda relevância simbólica que este desporto apresenta para o país, são raras as análises referentes ao tema da transição da carreira profissional (AGRESTA; BRANDÃO; BARROS NETO, 2009).

Nessa conformação, o trabalho dividiu-se em quatro partes: no primeiro momento é apresentada uma breve digressão sobre o futebol como profissão por meio de sua trajetória de profissionalização e suas principais características; adiante discutiremos o futebol brasileiro a partir da construção do mito do “país do futebol”; no terceiro capítulo é apresentada a pesquisa e o exercício metodológico empreendido na consecução da observação; por fim, estão expostos os dados da pesquisa empírica onde discutimos o processo de produção de atletas de futebol, a partir das categorias de base do Auto Esporte Clube.

1. FUTEBOL E PROFISSÃO

Inicialmente praticado por jovens aristocratas das renomadas *public scholls* da Grã Bretanha, o *football association* logo se popularizou por toda Inglaterra pós – revolução industrial. As médias de público, nos jogos oficiais, regulados pela F.A (Association Football) eram crescentes a cada temporada da copa da Inglaterra, torneio mais antigo do futebol moderno, e da liga inglesa, como aponta os seguintes dados,

A decisão, sempre jogada em Londres, foi vista por dois mil espectadores em 1872, 17 mil em 1888, 43 mil em 1893, 110 mil em 1901, 100 mil em 1914. Na inauguração do estádio de Wembley, em 1923, a final foi vista por mais de 125 mil pessoas, que era a capacidade oficial do estádio. Em março de 1888, doze clubes fundaram a liga inglesa, para, a partir do ano seguinte, promover a competição no sistema de pontuação cumulativa no qual se atribuíam dois pontos por vitória e um ponto por empate, o campeonato inglês. Também nessa competição o público médio foi crescente: 16.775 pessoas em 1911-2, 23.115 em 1913-14, 25.364 em 1927-28, 30.659 em 1938-39, antes da interrupção devido a guerra (FRANCO JUNIOR, 2007, p.34).

Isto implicou numa relação conflituosa dentro do esporte. A essência do futebol moderno, desde sua gênese, incide na idéia do amadorismo e do espírito aristocrata. Segundo Eric Dunning (2008), o conceito de papel civilizador dos esportes modernos surge em meados do século XIX, onde o valor do Fair Play e a imagem de jogar por prazer e não por ganhar a qualquer custo era inculcada nos jovens da época.

Essa posição era uma intervenção ideológica presente nos grupos dirigentes de todos os esportes bretões, e que Elias denomina *ethos amador* (ELIAS, DUNNING, 1992). No caso do Futebol, por exemplo, só os filhos da aristocracia praticavam aquele esporte que representava um valor de nobreza, por ter o ideal de esporte por divertimento e educação. Nesta conjuntura, questões relacionadas a profissionalismo e competição inexistiam. A distinção entre amadorismo e profissionalismo transpassava as relações de

desigualdade social que marcavam a sociedade britânica aquela época (SILVA, 2009).

Porém, as transformações nas sociedades industriais modificam tais relações no âmbito desportivo. A noção de esporte como uma atividade profissional, altamente organizada e financiada, desenvolveu-se – apesar da resistência dos defensores do fair play – muito rapidamente por quase todo mundo industrializado, resultado das características da sociedade do fim do século XIX, que começava a ingressar num mundo de consumo até então não experimentado. Como afirma Eric Hobsbawm (2005), naquele final de século, a migração para grandes cidades em rápido crescimento gerou um mercado lucrativo para os espetáculos e lazeres populares. O football se adequa perfeitamente nesse novo mercado.

A F.A logo percebeu que era complicada a sobrevivência da associação se não acompanhasse os ventos do industrialismo e dos mercados criados por ele. Assim, em 1885, o profissionalismo é oficializado no futebol inglês (FRANCO JUNIOR, 2007; REYS & ESCHER, 2006; Elias & DUNNING, 1992).

Em meio a tal processo, emerge a espetacularização do futebol. Com o enfraquecimento do *ethos amador*, a competição torna-se cada vez mais séria. Era importante vencer e, para isso, era primordial angariar recursos para sustentar o profissionalismo. Além da bilheteria, era recorrente a existência de mecenas que apadrinhavam equipes e investiam nas categorias de futebol dos clubes, além disso, as empresas de grande porte como FIAT, PIRELLI e GOODYEAR associavam seu prestígio ao nome de clubes e, assim expõem suas marcas (FRANCO JUNIOR, 2007).

Dentro deste contexto comercial, os atletas, como não poderiam deixar de ser, acabam sendo envolvidos. Vencer competições dava visibilidade às agremiações e, conseqüentemente, trazia torcedores e capital financeiro. Assim, ter os melhores jogadores garantia as vitórias. Mas como formar os melhores excretes? A estratégia estava na garantia de se oferecer melhores compensações econômicas aos atletas. Tal momento é marcante na linha evolutiva do futebol, pois transforma as relações entre atletas e clubes

Os clubes passaram a arrecadar dinheiro com as mensalidades cobradas dos associados, a venda de ingressos para os jogos e o patrocínio de empresários e /ou mecenas locais, podendo pagar prêmios e mais tarde salários aos melhores quadros. Os que possuíssem mais aficionados remuneravam melhor e assim, recrutavam os atletas mais talentosos. Em pouco tempo havia sido criado um circuito competitivo que despertava o interesse generalizado, algo distante do *ethos amador* (DAMO, 2007. p.73).

De tal modo, a base do mercado de atletas profissionais do futebol era a melhor proposta financeira. Sendo assim, a formação e recrutamento de jogadores tornam-se essenciais para constituição de grandes equipes e arrecadação de fundos.

Assim, certos vínculos como paixão ao bairro onde se localizava os clubes, relação com a fábrica onde se trabalhava e/ ou a tradição familiar dão lugar a circulação de atletas em busca de melhores contratos, aquecendo, portanto, o negócio futebol.

De tal modo, os grandes jogadores não podiam mais conciliar suas atividades laborais com o esporte apenas por divertimento ou “bico”. Segundo relato de Norbert Elias e Eric Dunning, estes atletas,

Eram obrigados a dirigirem-se para os outros e a participar nos desportos com seriedade. Isto é, não podem jogar por si próprios, sendo forçados a representar unidades sociais mais vastas, como cidades, distritos e países. Como tal, fornecem-lhes material, e ou também, recompensas de prestígio, facilidades e tempo para o treino. Em contrapartida, espera-se que realizem uma “atuação esportiva”, isto é, o tipo de satisfações que os dirigentes e os “consumidores” do desporto exigem nomeadamente o espetáculo de um confronto excitante que as pessoas se dispõem a pagar para assistir ou a validação, através da vitória, da “imagem” e da “reputação” da unidade social com a qual se identificam esses dirigentes e “consumidores”. (ELIAS; DUNNING, 1992. P.321).

Assim sendo, neste momento a figura do jogador – operário desaparece com o processo de profissionalização, momento em que se exigem

mecanismos específicos e um processo de produção do jogador, um corpo útil ao futebol, um profissional (RODRIGUES, 2004).

Porém, entendo que se faz necessário destacar a lógica de Pierre Bourdieu (1983) acerca do esporte moderno para o melhor entendimento deste processo até então explicitado.

A teoria dos campos sociais preconizada por Bourdieu permite que as análises se expandam para distintos espaços sociais. Nesta perspectiva, se constitui o campo esportivo, que se apresenta como objeto legítimo apesar da tentativa daqueles que se situam do lado dominante do campo científico, rotulá-lo como fútil e desprezível cientificamente (BOURDIEU, 2004).

Enquanto *lócus* social delimitado pela análise bourdieusiana, o campo esportivo, a propósito dos demais campos, também se trata de um espaço estruturado onde há dominantes e dominados que disputam os capitais específicos em jogo e buscam conservar a estrutura ou então transformá-la. Além disso, esse campo como qualquer outro espaço social, desenvolve uma *doxa* e uma *nomos* que lhe são pertinentes, ou seja, um senso comum que atribui lógica ao campo e um conjunto de leis invariantes que regulamentam as ações dos agentes (SOUZA; MARCHI JUNIOR, 2010. p. 300).

Ele afirma que o campo esportivo é espaço condicionante e condicionado pela história social das práticas esportivas. Nesta perspectiva, tenta compreender em que momento o esporte moderno passa a funcionar como campo específico, pois, para ele, aqueles que estudam o fenômeno esportivo, ao fazer a genealogia do esporte podem tratar seu objeto como uma realidade específica irreduzível a qualquer outra (BOURDIEU, 1983).

A constituição do campo esportivo também passa por uma elaboração de uma filosofia política do esporte. Pois, o esporte é como qualquer outra prática social objeto de disputa entre segmentos das classes dominantes e das outras classes sociais.

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio da imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade legítima da atividade esportiva, amadorismo contra

profissionalismo, esporte prática contra esporte espetáculo, esporte distintivo – de elite – e o esporte popular – de massa – etc. (BOURDIEU, 1983, p. 142).

É neste espaço de luta que ocorre a passagem do esporte amador para o esporte profissional, de massa.

A transformação do esporte amador para o esporte profissional, destinado a um público consumidor, não se deu apenas a partir da autonomia do campo esportivo, através da produção de bens e serviços esportivos (BOURDIEU, 1983). O esporte moderno surge na Inglaterra do século XIX, como uma prática direcionada a uma função determinada. O esporte era utilizado em espaços, como escolas e fábricas, de maneira a ocupar o tempo dos jovens e trabalhadores, enquadrando-os nas dependências destas instituições. Era, assim, um excelente meio de mobilizar e controlar estes atores. Portanto,

Sem dúvida, esta é uma das chaves da divulgação do esporte e da multiplicação das associações esportivas que originalmente organizadas sobre bases beneficentes progressivamente foram recebendo o reconhecimento e a ajuda dos poderes públicos (BOURDIEU, 1983, P.146).

Por isso, desde sua gênese, o esporte, principalmente o futebol, é objeto de conflito político. Associações e organizações esportivas, geralmente ligadas à burguesia, criavam o que Bourdieu afirma ser uma necessidade social das práticas esportivas, de forma a enquadrar e controlar, numa manutenção ou acumulação de capital de honorabilidade que quase sempre é subvertida em poder.

Desta feita, sob a ótica bourdiesiana, podemos entender este processo de ranhura entre a aristocracia, defensora do *ethos amador*, e às classes médias e pobres, ansiosas por um jogo profissional e rentável como *business*. Neste contexto de mudanças, as primeiras décadas do século XX foram definidoras.

As ligas ainda marcantemente influenciadas pelos tradicionais dirigentes tentam restringir a figura do jogador exclusivamente profissional, ou seja, atletas com dedicação exclusiva a treinos e jogos. Isto era uma forma de se

evitar que operários e imigrantes tivessem cotação maior do que os atletas oriundos da fidalguia. Segundo descrição do pesquisador inglês Richard Giulianotti (2010), de tudo fez os nobres dirigentes para manter os limites de classe. Uma das mais evidentes tentativas foi a de fixar o poder salarial dos jogadores. A proposta era de quatro mil libras esterlinas como teto salarial para cada atleta. Porém, os clubes de massa, já inseridos na espetacularização do esporte, defendiam livres contratos e assim achavam maneiras de ludibriar a F.A.. Era comum se pagar aos jogadores através de premiações extras e altos salários em outras atividades de fachada, é o chamado profissionalismo marrom. Os clubes que agiam desta maneira sofriam retaliações, sendo perseguidos pela liga e, até mesmo, eliminados das competições (FRANCO JUNIOR, 2007).

Porém, a espetacularização e, conseqüentemente, a massificação do futebol faz com que o amadorismo perca de uma vez essa disputa política e ideológica, pois, com a profissionalização do futebol, a estrutura deste esporte modifica-se por inteiro (DAMO, 2007). Muda-se o jeito de torcer, de jogar, mudam-se os perfis dos aficionados e dos clubes. Deste momento em diante, quem endossa a camisa do clube não é mais o sócio que via ali mais um espaço de sociabilidade e distinção, mas atletas remunerados e carregados de responsabilidade e competitividade.

A partir dos livres contratos, tão defendido pelos gerentes do mercado futebolístico, o profissionalismo torna-se cada vez mais intenso. As federações criam regulamentos que permitem acordos entre os clubes na fixação de valores de troca entre atletas. É o chamado “passe”, que segundo a legislação desportiva

Consiste num instrumento que permite a contratação do atleta por outra entidade de pratica desportiva depois de comprovada sua desvinculação da entidade à qual prestava serviços (OLIVEIRA, 2009, p.66).

Assim, através da regulamentação da “lei do passe”, os jogadores tornam-se atletas e mercadoria, simultaneamente. Esta legislação é firmada e controlada pela instituição maior do futebol, a FIFA – Federação Internacional

de Football Association – que impõem a clubes e seleções as regras que permitem ao mercado de transação de jogadores uma relação ordeira e lucrativa.

Segundo DAMO (2007) a combinação entre dedicação exclusiva aos clubes em período de contrato e a possibilidade de transferência durante a vigência do mesmo, isto mediante acordo entre o clube detentor dos direitos do atleta e as agremiações interessadas pelos seus serviços, transforma definitivamente o mercado da bola.

1.1. O PROFISSIONALISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

O surgimento do futebol coincide com o domínio imperialista britânico. Logo, além de produtos industriais, as tradições e fenômenos culturais ingleses também eram disseminados mundo afora. É interessante o argumento de Franco Junior (2007) sobre este processo, pois, para ele, não era premeditado esta expansão cultural, porém, unicamente por serem fenômenos de origem britânica eram absorvidos por outras nações, pelo *glamour* de se parecer civilizado.

Este fenômeno globalizado acaba também chegando ao Brasil. Os britânicos mantinham variados negócios com as elites brasileiras, principalmente a paulista, estas relações comerciais resultam na imigração de algumas famílias de origem britânica ao centro-sul do país.

De acordo com a história oficial do futebol brasileiro dentre estas famílias de imigrantes encontrava-se a de Charles William Miller, o precursor do futebol por terras tupiniquins. Charles Miller nasceu no ano de 1874, na cidade de São Paulo. Filho de John Miller, funcionário da *San Paolo (brazillian) Railway Company, Limited*, era um garoto de bons recursos financeiros e por esta característica não “escapou” da tradição daquelas famílias de imigrantes que enviavam seus filhos adolescentes para receber a educação “a moda inglesa” nas mais renomadas *public schools* britânicas. Assim, Miller aos nove anos de idade fora matriculado no *Banister Court School*, em Southampton

(GUTERMAN, 2009). Foi nesta cidade inglesa que Miller aprendeu a jogar o *football association*.

Ao retornar ao Brasil no ano de 1894, Charles Miller trazia consigo duas bolas, dois uniformes completos, uma bomba de ar e uma agulha, entretanto mais do que isso, como destaca Mauricio Murad (1996) ele carregava um espírito bandeirante, pois, abria todos os caminhos para implantação daquele esporte no Brasil. Miller ensinava as regras, arbitrava os jogos, organizava as pelepas, além de ser um exímio jogador de ataque.

Aliás, foi ele que em abril de 1885, organizou a primeira partida oficial de futebol no Brasil. Esta partida envolveu funcionários de empresas inglesas que atuavam em São Paulo. O São Paulo Railway venceu a companhia Gazz Team pelo placar de 4 a 2, para um público de dezoito espectadores (FREITAS, 2006). Fixar-se na origem das equipes é primordial para se entender a sociogênese do futebol brasileiro.

Assim como em sua origem britânica o futebol ao ser introduzido no Brasil carregava em si a ideologia do *ethos amador*. Nas primeiras décadas de futebol no país, só os brancos e filhos das elites econômicas atuavam em clubes e participavam, por conseguinte das ligas oficiais.

Entretanto, muitos eram aqueles que pertenciam a classes sociais menos abastardas que imediatamente se apaixonaram por aquele esporte tão envolvente. Negros, operários e imigrantes pobres começaram, "ao seu jeito", a jogar o futebol. A elite social que praticava o esporte sabia como jogar, conheciam as regras, as jogadas, tinham as bolas e os uniformes. Já os pobres não possuíam conhecimento técnico algum e jogavam a partir de sua percepção daquele jogo. Brincavam nas ruas, com bolas de meias, tentando relembrar as posições de cada jogador. Segundo relato do jornalista Mário Filho em "O negro no futebol brasileiro" (2003) era imitando que operários pobres e negros começavam a desenvolver suas próprias jogadas deturpando o que viam nos nobres gramados.

Apesar da segregação imposta pelas ligas oficiais um fato balizaria o campo esportivo do futebol brasileiro, a emergência do elemento operário. Era

cada vez mais crescente a industrialização nas incipientes metrópoles brasileiras e concomitantemente a este desenvolvimento emergem diversos clubes formados por jogadores provenientes das fábricas. The Bangu Athletic Club (1904), no Rio de Janeiro, é o maior expoente deste período.

Era início da década de 1920 e o Brasil, próximo das comemorações de seu primeiro centenário da independência, passava por um processo de reavaliação político, social e econômico. Conflitos gerados pelos avanços do mundo moderno sobre uma sociedade ainda muito marcada por características “arcaicas” influenciavam nas relações dentro do campo esportivo brasileiro.

Como argumenta Pierre Bourdieu (2004) o espaço do esporte não está fechado como um universo em si mesmo, mas encontram-se imerso num universo de consumo e de práticas, eles próprios estruturados e constituídos como sistemas. De tal modo, o futebol brasileiro inicia a segunda década do século passado marcado pelas mesmas contradições e conflitos daquele período.

O futebol já se tornara o esporte mais difundido no Brasil em todos os segmentos sociais. Elas [críticas e discussões acerca do futebol] sintetizam as mais importantes questões e contradições brasileiras, presente no futebol por esse ser o verdadeiro microcosmo da sociedade, ao mesmo tempo espelho e ingrediente dinâmico das transformações em curso nos tumultuados anos 1920 (FRANCO JUNIOR, 2007, p.70).

Neste clima de tensões e conflitos sociais e políticos algumas ligas oficiais de futebol se desfazem. Isto, pois, para alguns clubes tradicionais o esporte era universal e seus membros entendiam que não deveriam existir barreiras sociais na prática desportiva, porém eram muito fortes os clubes que preconizavam o contrário. A liga paulista de futebol, por exemplo, foi esvaziada por clubes campeões e tradicionais como o Mackenzie e o Paulistano que não aceitavam jogar contra clubes populares como o Sport Clube Corinthians Paulista. As equipes elitistas de São Paulo contrárias a democratização do futebol e defensoras do *ethos amador* formaram a Associação Paulista de Esportes Atléticos, o mesmo ocorreu por onde se praticavam futebol oficialmente no Brasil (GUTERMAN, 2009).

Porém, o processo de espetacularização do futebol no Brasil tomava proporções incontroláveis, sobretudo, através das ondas do rádio que se expandia. A midiaticização expande o futebol por todo o território nacional. É o período caracterizado pela era do rádio que expôs os craques brasileiros decorrendo daí a criação de novos “heróis nacionais”.

Além de Friedenreich e Domingos da Guia, nomes como os de Romeu Pellicari, Luizinho, Fausto, Servílio, Zizinho, Heleno de Freitas, Brandão, Jair da Rosa Pinto, Tim, Perácio, Patesko e Ademir de Menezes eram objeto de culto pela comunhão de fies de seus respectivos clubes. E representavam uma possibilidade concreta de ascensão de membros dos grupos subalternos da sociedade brasileira (FRANCO JUNIOR, 2007, p.81).

Em meio a esta conjuntura de espetacularização, ainda era tenso o conflito entre o amadorismo e o profissionalismo. Esta querela tem na vitória do Vasco da Gama, no campeonato carioca de 1923, sua faceta mais marcante no redirecionamento do desenvolvimento deste esporte no Brasil. Pela primeira vez no futebol brasileiro, um time composto exclusivamente por negros e operários, remunerados para dedicação exclusiva ao futebol, conquista uma taça sob a égide de uma liga oficial. Era um sinal dos tempos?

Esta conturbada relação teve fim no início da década de 1930 quando os representantes das ligas e clubes do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro entraram num acordo sobre as admissões de atletas remunerados nos clubes e torneios, além do ressarcimento aos clubes detentores dos direitos federativos, ao se quebrar contrato de vínculo entre jogador e clube.

Alguns fatores são marcantes a este processo de profissionalização do futebol brasileiro. Segundo DAMO (2007) a crise das elites brasileiras, resultado da quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929, teve muita influência neste contexto. A crise financeira fez com que os “mecenass da bola”, ou seja, os industriais e cafeicultores, não tivessem mais nem interesse e nem recursos para investir no futebol.

Já Rosenfeld (1993) indica que como a profissionalização já estava muito bem estruturada nos mercados internacionais estava sendo impossível

segurar nossos craques nos gramados nacionais e que para não enfraquecer o mercado brasileiro que se aquecia o até então presidente do Brasil Getulio Vargas, em 1934, regulamenta o futebol como profissão, em meio à criação da legislação social e trabalhista. Os atletas agora eram reconhecidos como empregados e com isso tinham a cobertura legal, sob a égide do recém criado ministério do trabalho (BRUHNS, 2000).

Entretanto, segundo o jurista Jean Marcel Mariano de Oliveira (2009) a primeira norma legal referente especificamente ao futebol no Brasil, ocorreu em 1941, com a criação das confederações, federações e associações desportivas, através do decreto lei nº 3.199, em que constava que as relações entre atletas e as entidades fossem reguladas por meio de normas administrativas.

Prosseguindo ao relato histórico referente ao desenvolvimento legal da profissão de atleta de futebol, percebem-se avanços nas relações de trabalho dos jogadores, pois, em 1943 através da consolidação das leis trabalhistas, os futebolistas passam a ser por elas regidos.

Não obstante, uma regulamentação regida estritamente ao atleta profissional de futebol só surge em 1964, através do decreto nº 53.820, de 24 de março daquele ano. Este decreto institucionaliza a famosa “lei do passe”, por meio desta, o jogador de futebol consegue firmar o estatuto de profissionalismo. A partir da “lei do passe” os atletas tinham direito de receber no mínimo 15 % da quantia gerada por sua transferência de um clube a outro, além disso, ficou regulamentado que o intervalo entre partidas de um campeonato não poderia ultrapassar o mínimo de sessenta horas, soma-se a isto os direitos referente a seguro desemprego e férias (OLIVEIRA, 2009).

Esta norma é atualmente a que vigora designadamente aos atletas profissionais de futebol, sofrendo algumas alterações nos anos noventa: foi alterada em 1993, através da lei nº 8.672/93, a chamada “lei Zico” sendo posteriormente revogada em 1998, pela atual e polêmica lei nº 9.615/98, a “lei Pelé”.

A “lei Pelé” proposta pelo até então ministro dos esportes, Edson Arantes do Nascimento (PELÉ), é polêmica por alguns pontos específicos: modificou as regras de profissionalização de jovens atletas de futebol no Brasil, onde, por meio deste código, passam a poder assinar seu primeiro contrato profissional a partir dos 16 anos de idade; extingue a “lei do passe”; estabelece a fiscalização pública dos esportes; além de estimular a organização dos clubes como empresa.

As críticas mais veementes a esta lei partem dos clubes formadores, pois, alegam que com a extinção da “lei do passe” o controle sobre as ações profissionais dos atletas fica muito reduzida, o que traz prejuízo as agremiações esportivas. Agora, empresários e agenciadores utilizam-se das estruturas dos clubes que maturam os jovens atletas ficando com o bônus de suas transferências, em outras palavras, neste novo arranjo os clubes são utilizados como espaço de educação e formação técnica e física dos atletas e ao final do ciclo pouco fica de lucro ao clube.

TABELA 1

Evolução dos Direitos Trabalhistas do Atleta Profissional de Futebol

Lei	Ano	
Primeiras leis trabalhistas	1934	O atleta de futebol é reconhecido como empregado tendo cobertura legal assim como qualquer trabalhador.
Lei 3.199	1941	São criadas as confederações, federações e associações esportivas. Agora as relações entre atletas e entidades são reguladas por leis administrativas.
Lei do Passe	1964	Primeira lei direcionada especificamente ao atleta profissional de futebol. Aqui firma-se o estatuto do profissionalismo.
Lei Pelé	1998	Modifica as regras de profissionalização de jovens atletas de futebol. Por meio dessa legislação jogadores a partir de 16 anos já pode assinar contratos profissionais. Pois fim a “lei do passe”.

FONTE: Elaboração própria com base na pesquisa realizada

Porém, em contraponto estas leis trazem benefícios aos atletas profissionais de futebol no Brasil que conseguem através destas regulamentações equipararem-se as relações de trabalho existentes no chamado primeiro mundo do futebol, a Europa. Como afirma Jean de Oliveira,

Estas leis, já apresentam muitos dos traços evolutivos inerentes as relações de trabalho do atleta profissional europeu, regulam contrato de trabalho, a remuneração, a duração do trabalho, as férias, as transferências, o direito de arena, todos relativos ao atleta profissional de futebol, além do poder diretivo do empregador (OLIVEIRA, 20009, p.46).

Neste sentido, percebe-se a evolução da profissão do jogador de futebol, que nem sempre envolve apenas as quatro linhas de campo. Nas ultimas décadas, os jogadores de maior prestígio tiveram suas ações e falas direcionadas por agentes e profissionais da publicidade, que necessitam garantir a estes atletas a imagem desejada pela mídia e patrocinadores, que sustentam e produzem o espetáculo (PRONI, 2007).

2. BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL: AS FACES DO MITO

“O Brasil é o país do futebol” esta frase é universal, em todos os continentes a imagem mais forte do Brasil é vinculada a este esporte. Como por exemplo, afirma o historiador Eric Hobsbawm “a arte de jogar futebol é uma contribuição brasileira, e é um dos poucos valores que considero genuinamente universais (HOBSEBAWN apud, MURAD, 1996.p.140). Porém, como este mito se cria? Porque assumimos o futebol como símbolo nacional?

Como dito alhures, a chegada do futebol no Brasil é reflexo do chamado processo de “modernização” do país, que teve início nas grandes cidades do Brasil, em meados da década de 1890. Este período é marcado por várias mudanças nos diversos campos da sociedade brasileira: o industrialismo, a proclamação da república, a abolição da escravidão, urbanização, a modernização dos meios de transporte e comunicação. Segundo José Murilo de Carvalho (1987) todas estas transformações conjetavam um processo que trazia consigo uma idéia de civilidade européia em contradição ao “arcaísmo” das tradições brasileiras. Sob este contexto emerge o futebol brasileiro.

O futebol dentre todos os esportes modernos exportados pela Grã-Bretanha foi o que teve maior aceitação por todo mundo. Não há uma explicação concreta para tão fácil assimilação. Porém, a tese de que as características do próprio jogo, que permite aos espectadores um quadro maior de manifestação das variadas emoções humanas é bastante plausível numa tentativa de explicar tamanha fixação entre espectadores e esporte.

O torcedor pode sentir a esperança de ver sua equipe marcar gols, vencer o jogo, e o medo e desapontamento da derrota ou de um jogo ruim [...] outra característica importante do futebol, que distingue de outros esportes coletivo, é o período extenso de antecedência do prazer (o gol). O período de expectativa é extenso e a excitação provocada pela incerteza da concretização ou não do tento provoca nos espectadores um nível de tensão elevada que o mantém atento ao desenrolar dos acontecimentos no gramado (REIS; ESCHER, 2006, p.23).

Certo é que não foi apenas por acaso este fenômeno social chamado futebol ter tomado as proporções atuais no cenário social brasileiro. Este

símbolo nacional foi se tornando mitológico por meio de um processo social, político e econômico que traspassou o esporte que hoje, após mais de cem anos de praticado no Brasil, ainda é disparado o jogo mais adorado e exercido pelos brasileiros¹.

Se hoje o futebol tem a possibilidade de ser percebido e vivido como um relevante índice de identificação de grupos sociais distintos, mobilizando um grande sentimento coletivo a cada copa do mundo, isso foi resultado da apropriação inventiva, negociada, confrontada e conquistada pelos diversos agentes mobilizados em torno de sua prática, rituais e cotidianas (TOLEDO, 2000.p.08).

Segundo Heloisa Helena Baldy Reis e Thiago de Aragão Escher (2006), a partir da historiografia dos campeonatos e clubes que se pode entender a formação do futebol brasileiro. Os primeiros clubes de futebol no país foram formados no eixo Rio- São Paulo². As primeiras ligas também emergiram desses dois centros urbanos: em 1901 foi criada a Liga Paulista de *Football* e anos mais tarde em 1905, surge a Liga Metropolitana de *Football* do Rio de Janeiro.

A estrutura econômica desses dois Estados proporcionou esta concentração dos primeiros momentos do esporte bretão no Brasil. Era em São Paulo e no Rio de Janeiro que se encontravam as principais empresas internacionais instaladas no país e conseqüentemente onde residiam os abastados imigrantes estrangeiros pioneiros do esporte moderno no Brasil.

Assim, quando o futebol se efetivou no Brasil, em meados da década de 1890, graças aos pés de jovens filhos da elite educados na Europa ou dos ingleses que aqui vieram trabalhar e residir, esse esporte encontrou nas duas metrópoles em formação um ambiente de “esportivização” do cotidiano propício ao seu pleno desenvolvimento [...] a conseqüência natural de tão calorosa acolhida foi o crescimento avassalador do numero de adeptos do “esporte bretão” , bem como a reunião, no Rio de Janeiro bem como em São Paulo, dos clubes mais bem estruturados, dos principais jogadores e,

¹ **1º. Futebol** – 30,4 milhões de praticantes; **2º. Vôlei** - 15,3 milhões; **3º. Tênis de Mesa** – 12 milhões; **4º. Natação** – 11 milhões; **5º. Futsal** – 10,7 milhões; **6º. Capoeira** – 6 milhões; **7º. Skate** – 2,7 milhões; **8º. Surfe** – 2,4 milhões; **9º. Judô** – 2,2 milhões; **10º. Atletismo** – 2,1 milhões.

² O primeiro clube a se formar especificamente para a prática do futebol foi a Associação Athletica Mackenzie, em 1898.

como não poderia deixar de ser, das entidades diretoras mais organizadas e poderosas do país (FRANZINI, 2003, p.18).

É fundamental reafirmar que as primeiras páginas da história de formação e organização do futebol no Brasil foram marcadas pelo amadorismo e pela precariedade. Mas como explicar que praticantes tão nobres como aqueles europeus futebolistas poderiam jogar em campos improvisados, com péssimas condições de jogo, e às vezes sem regras fixas, principalmente no que diz respeito ao número de jogadores em campo que muitas vezes era menor que os vinte e dois recomendados?

A resposta está nas origens deste esporte ainda na Grã- Bretanha. Como dito, tanto aqui como por lá, o futebol era jogado por diversão, primava-se pelo Fair Play, tido como um modo de distinção social. Desta forma, o “Ethos amador”, ao qual se refere Norbert Elias e Eric Dunning (1992), é marcante ao espírito desportista dos desbravadores dos campos de futebol brasileiro.

O amadorismo era a melhor forma de distinção encontrada pelos nobres imigrantes para se afirmarem como “civilizados” em contraposição a rudeza dos imigrantes de menor poder aquisitivo como italianos e espanhóis e em relação aos ex-escravos.

A descrição apresentada por Marcos Guterman (2009) sobre alguns casos em que o “Ethos amador” prevalecia nas pelejas dos primórdios do nosso futebol exemplifica bem este momento do processo de esportivização do futebol brasileiro.

Num jogo de 1899 entre Mackenzie e um time formado pela comunidade alemã de São Paulo, o professor Augusto Shaw, organizador do Mackenzie, advertiu um de seus jogadores que ele não poderia entrar em campo se não ajeitasse a gravata. O próprio Mackenzie revelaria, por essa época, o patrono do “Fayr Play” brasileiro: João Evangelista Belfort Duarte. De seu Folclore, consta que Belfort Duarte, jogando como zagueiro, denunciou ao arbitro um pênalti que ele havia cometido contra um atacante adversário. (GUTERMAN, 2009, p.20).

Porém, por pouco tempo este espírito de “nobreza” prevalece no âmbito do futebol brasileiro. Muitos foram aqueles que pertenciam a classes sociais

menos abastardas que imediatamente se apaixonaram por aquele esporte tão envolvente.

Mesmo marcado pela exclusão no Brasil este jogo foi transformado e reinventado, como diria Edilberto Coutinho

O brasileiro antropofagiza e carnavaliza o futebol. Faz o jogo a sua maneira. Não foi fácil. Os donos da situação querendo, é claro, a todo custo manter o *status quo*. Os marginalizados batendo a porta, sabendo que haveria um espaço para eles, tinham que haver. Por mais que a elite empedernida procurasse negar (Apud Murad 1996. P.50).

Neste contexto, logo o futebol transformou-se numa febre por todos os cantos das cidades brasileiras. Porém, esta popularização do esporte não foi harmoniosa. Foi sim marcada por diversos conflitos. A classe abastarda que praticava o futebol como um indicador de “civildade” não aceitava que homens de origem popular jogassem aquele nobre esporte. Para consecução desta idéia diversas manobras foram articuladas pelas ligas oficiais com intuito de controlar e impedir que jogadores e clubes populares se confrontassem com os clubes de elite (FRANZINI, 2003).

O futebol brasileiro inicia a segunda década do século XX dividido sob esta tensão entre o amadorismo X profissionalismo. Aos poucos, os organizadores do esporte começam a cobrar ingressos aos espectadores do futebol. Torna-se cada vez mais importante aos clubes vencer os jogos para angariar torcedores e fundos monetários, neste momento ter os melhores jogadores representa força (ROSENFELD, 1993).

Logo, o processo de esportivização do futebol ganha outro viés, isto é, o que nos primórdios da organização deste esporte no Brasil direcionava-se ao amadorismo, com o crescente desenvolvimento da espetacularização, aponta para horizontes do profissionalismo (SILVA, 2009).

Todo este processo de difusão do futebol é marcado, segundo Luiz Henrique de Toledo (2000) não só pela vontade de se praticar o jogo, mas concomitante a um artifício de divulgação caracterizado por empreendimentos editoriais específicos ao esporte.

No que se referia à interpretação, internalização e esclarecimento das regras e conhecimento da *formas* de jogar, coube a tais publicações o papel pioneiro de mediadoras na mobilização de um público interessado, antecipando-se aos próprios jornais – iniciativas que partiram de jogadores amadores, jornalistas ou comerciantes de artigos esportivos (TOLEDO, 2000.14/15).

Este primeiro momento destas edições é dedicado a um público elitizado. Porém, se expande o interesse e os aficionados do futebol. A partir, principalmente da década de 1930 torna-se este, mais popular, regular e estratificado (TOLEDO. 2000). Passa a existir então, a crônica esportiva especializada exclusivamente no futebol tupiniquim.

Duas décadas depois, nos anos 50, surge uma nova modalidade editorial diferenciada das tradicionais crônicas esportivas vinculadas especificamente ao jogo em si. Aparecem revistas esportivas, em âmbito nacional e de circulação semanal que abordam questões que vão além das quatro linhas de campo. São abordados temas menos técnicos e mais variedades acerca do futebol e seus protagonistas tornam-se sucesso em todas as classes sociais, difundindo ainda mais o esporte.

Trouxe uma gama mais variada de assuntos, narrados numa outra linguagem de mídia, menos tecnicista e doutrinária que aquela anunciada nos manuais ou mesmo em algumas seções esportivas dos jornais. Essas revistas inovaram no projeto gráfico, nas escolhas das pautas e na forma de abordar outros assuntos menos canônicos e que diziam respeito às outras dimensões do futebol: história de vida de jogadores, curiosidades, crônicas textos mais alegóricos e menos descritivos (TOLEDO. 2000. P.19/20).

2.1. O ESTADO BRASILEIRO E O FUTEBOL: A AFIRMAÇÃO DO SÍMBOLO NACIONAL

Mas, foi durante a era Vargas que o futebol realmente se firma como produto nacional, como símbolo de identidade brasileira. A revolução de 1930 é marcada pela agência do Estado brasileiro as ações da sociedade civil. Getulio Vargas através de sua política de caráter populista necessitava de símbolos

eficientes a mobilização das massas e os dirigentes do país perceberam no futebol um elemento ideal para este processo.

Eram promovidas partidas de futebol e o rádio, elemento importante à difusão da ideologia do Estado Novo, era vetor de propulsão do futebol por todo território nacional. Por exemplo, em 1938 a Copa do Mundo daquele ano fora transmitida pela primeira vez ao vivo.

Segundo Hilário Franco Junior, todo este processo foi primordial a política varguista sendo o futebol uma das principais facetas de seu populismo.

O processo que incorporava os torcedores ao universo do futebol brasileiro, estabelecendo um alargamento de sua base social, era o mesmo que incluía as camadas subalternas urbanas no jogo político nacional. E também nesse aspecto o rádio desempenhou papel decisivo [...] não por acaso, os estádios de São Januario e do Pacaembu foram palcos escolhidos para os desfiles e as comemorações do Primeiro de Maio, Dia do Trabalho, deixando definitivamente de ser enormes salões para encontros de uma elite portando chapéu e paletó, como em anos passados. O mesmo rádio que agrupava os ouvintes num corpo único de torcedores de determinados times ou no corpo maior da seleção brasileira também procurava criar o corpo cívico da nação em comunhão com seu líder máximo. Paixão política e paixão futebolística eram estimuladas de forma semelhante. Enquanto as bandeiras com as cores dos clubes eram desfraldadas nos estádios, as bandeiras regionais eram queimadas, e no lugar delas era içada a bandeira nacional (FRANCO JUNIOR. 2007. P.79/80).

A figura dos atletas de futebol, em menor proporção é claro, tornam-se ao lado da figura do presidente Vargas símbolos do heroísmo e força brasileira. A “voz do Brasil”³ divulgava o quanto o populismo de Vargas era benéfico à nação que só “crescia e se desenvolvia” ao mesmo tempo em que os locutores populares como Ari Barroso e Mario Filho exaltavam, a força dos novos heróis populares, o jogador de futebol, capaz, através de seu talento, ascender socialmente.

Estamos diante de quadro, no qual os meios de comunicação de massa (o rádio e o jornal principalmente) abrem espaço

³ Programa radiofônico oficial do Governo Federal.

para transformação de certas manifestações populares em bens da indústria cultural (BRUHNS. 2000. p.66).

Assim, Vargas através de uma política centralizadora e autoritária forja um sentimento nacionalista difundido pela guerra e potencializado pelo futebol (FRANCO JUNIOR. 2007). Neste período o futebol é alçado à imagem de símbolo nacional e expressão do sentimento de identidade nacional.

Na década de 1970 este sentimento de união nacional em torno do futebol encontra-se em seu apogeu. Em período chamado de “chumbo” o AI-5⁴ já estava instaurado pelo então presidente Médici, neste momento o Estado brasileiro promove o que talvez seja seu período de maior censura e repressão.

O Brasil vivia uma grande crise social e política e a copa do mundo de 1970 é vista pelo governo militar como um elemento perfeito de difusão do “progresso” brasileiro e o do nacionalismo do regime. Em meio a este processo pela primeira vez a televisão brasileira transmite jogos ao vivo para todo território nacional (exceto região norte). Nesta conjuntura, o Estado investiu muito no sentimento patriótico através da seleção canarinho liderado por Pelé.

Marilena Chauí (apud BRHUNS. 2000) destaca como o governo Médici se utilizou de um sentimento patriótico fortalecendo a idéia de nossa “superioridade” como nação através da seleção brasileira.

Era o Brasil que enfrentava “inimigos estrangeiros”, numa espécie de guerra santa; não só músicas eram encomendadas pelo governo – a mais famosa delas abrindo-se com: “noventa milhões em ação/pra frente, Brasil’ -, como também as transmissões radiofônicas e televisivas criavam uma imagem da “nação em luta”, usando linguagem belicosa e militar na descrição dos jogos. além dos treinadores oficiais serem militares (CHAUI. Apud. BRHUNS. 2000.p.70).

⁴ O ato institucional nº5 foi o quinto de uma série de decretos lançados pelo regime militar no Brasil. O AI-5 dava poderes irrestritos ao general Presidente da República suspendendo, deste modo, diversas garantias constitucionais.

Esta seleção até hoje é lembrada como símbolo da hegemonia nacional e seu modo artístico de atuar vive no imaginário brasileiro como representação da identidade nacional.

A seleção tricampeã fortaleceu o sentimento de que somos o país do futebol e o famoso verso da marchinha “pra frente Brasil” ainda é cantado Brasil afora como alegoria de uma força e orgulho de ser brasileiro forjado totalmente pelo futebol.

Estes fatores podem ser apontados como alavancas a assimilação do futebol como imagem mais hegemônica e bela de nossa nação. São os mitos criados nesses contextos que levam a pensar o Brasil como uma nação que por natureza é “futebolizada”.

Realmente o brasileiro, em sua grande maioria, respira futebol diariamente e isto é fato que deve ser visto pela sociologia do futebol como resultado de um campo de disputa por poder e legitimidade, por exemplo, e não apenas se resumir a análises como a de Brhuns (2000) ou Da Matta (1979) de que o futebol é uma metáfora de nossa sociedade e que representa o drama de um povo. Concordo com Luiz Henrique Toledo ao afirmar que

Ainda que as partidas consistam em momentos privilegiados na compreensão do evento futebol, onde põem em evidência as *dramatizações* da sociedade, como preconiza esta última proposta analítica, não é possível compreender a atuação e a importância desse diálogo estabelecido entre *profissionais, especialistas e torcedores* somente através da temporalidade e da espacialidade rituais. (TOLEDO 2001. P.144)

Deste modo, podemos inferir que o Brasil de fato apresenta uma relação muito direta com o futebol e que há em nossos gramados um simbolismo de devoção e respeito. Além disso, percebe-se que o futebol está vinculado em terras tupiniquins como espaço de democracia racial e social. Apologia que leva milhares de jovens por todo Brasil a sonhar com a possibilidade de vestir a camisa de um grande clube de nosso futebol e exercer através do esporte uma autonomia econômica.

Entretanto não se deve perder de vista que esta representação do futebol brasileiro esta inserida num contexto de uma sociedade de consumo que compra o futebol como espetáculo. E que a mídia precisa criar esses mitos e heróis em torno do esporte futebol.

Neste contexto, os próximos capítulos tratarão justamente da análise deste processo de busca por parte de jovens garotos de fazer parte desse “mundo encantado” que é o futebol profissional.

3. PONTA PÉ INICIAL

O futebol é tema bastante rico em suas nuances sociais. Mas como abordar tal tema? Esse processo foi para mim bastante intenso. Minha pesquisa bibliográfica girava em torno de um campo completamente inexplorado por mim. Neste processo, percebi o quanto a sociologia do esporte era fascinante e ao mesmo tempo pouco discutida e muitas vezes relegada a um patamar de irrelevância nas ciências sociais.

Li muitos trabalhos sobre futebol e percebi algo que me intrigou. Vi poucos trabalhos abordando, numa perspectiva sócio-antropológica a formação de atletas de futebol profissional. Deste modo, surgiu a idéia inicial desta pesquisa.

Minha proposta pretendeu observar em específico o momento de transição do futebol amador para o futebol profissional. Minha sugestão era investigar as estratégias de profissionalização de atletas de futebol; examinar a vocação dos atletas para a profissão de jogador de futebol; e analisar o processo de inserção do atleta de futebol no mercado de trabalho profissional deste esporte.

Assim, firmei este objeto seguindo a proposição de Max Weber (2006) de que para se entender a realidade infinita deve-se partir de um conhecimento finito, pois, para o sociólogo alemão, o conhecimento científico acerta sempre sobre aspectos limitados da realidade, já que o número de eventos é infinito no espaço e no tempo, não sendo possível ser captado no todo.

Weber propõe desta forma que se devem compreender fragmentos que compõe a totalidade da realidade, para assim, constituir de cada vez o objeto da apreensão científica. Assim, analisar a trajetória de atletas de futebol, na transição do esporte amador para o profissional, justifica-se como uma tentativa de compreensão desta realidade

A pesquisa, assim, parte da conjectura weberiana de que a ciência social é uma ciência da realidade, um conhecimento focado em eventos particulares que apresentam distinções que levam os cientistas a darem

significados a tais exemplos, os problematizando e procurando descobrir o porquê de tal particularidade, apresentando disto uma compreensão crítica da realidade social.

Optei em coletar os dados através da realização de uma pesquisa de caráter qualitativo, com base na utilização de entrevistas em profundidade e individuais com a utilização de gravador de voz, pois, corroboro com os chamados qualitativistas

Que afirmam seja a superioridade do método que fornece uma profunda compreensão de certos tipos de fenômenos sociais ao se apoiarem no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos únicos. (HEGUETE, 2003, p.63).

Decidido o tema e a perspectiva metodológica faltava escolher qual seria o meu campo de pesquisa, ou seja, qual centro de formação destes atletas realizaria minha pesquisa.

Inicialmente, decidi estudar o Centro Esportivo Paraibano – CSP- conhecido por ser um local exclusivamente dotado para a formação e “exportação” de atletas profissionais de futebol. Entretanto, por questões de viabilidade para realização da pesquisa - proximidade e melhor “entrada” em outro clube – decidi escolher o Auto Esporte Clube, agremiação também com vocação à produção de jogadores profissionais, como campo de pesquisa.

Conhecia um amigo que por muito tempo participou da vida política do Auto Esporte e se propôs a me levar ao clube. Foi justamente através dele que obtive meu primeiro contato com o campo. Ele me apresentou às dependências do clube e principalmente a Edvânia, secretária executiva do clube, que muito me auxiliou nos primeiros momentos de pesquisa, proporcionando minha ligação com o diretor de futebol e alguns atletas.

Após alguns contatos com o “Drº” Paulo Ranieri, diretor de futebol do Auto Esporte e durante o período de minha pesquisa, presidente de fato do

clube, já que o presidente de direito estava afastado por questões particulares, consegui permissão para a realização da pesquisa, tendo acesso a todas as dependências do clube. Além disso, ele próprio fez questão de me apresentar aos treinadores das categorias de base: Hilton e Normando.

3.1. ENTRADA EM CAMPO

Uma semana. Essa foi a diferença entre minha articulação para poder freqüentar o clube e meu primeiro contato com a prática etnográfica. Os dias de treino da categoria de base, mas especificamente dos juniores, foco principal de minha pesquisa composta por garotos entre 17 e 20 anos, eram nas quintas feiras das 15h30min às 17h30min e aos sábados das 08h00min às 12h00min. Também aos sábados ocorriam jogos amistosos ou pelepas valendo pelo campeonato paraibano de juniores.

Em “o ofício do etnógrafo” DaMatta (1978) discorre sobre a preparação do pesquisador na véspera da entrada em campo. Fala sobre o encontro do pesquisador com a realidade que até então se especulava teoricamente. Este momento é carregado por bastante ansiedade e tensão, questionamentos sobre como será aceito, de como se portar a cada momento de reação do nativo a suas observações são recorrentes neste momento de preparação.

Comigo não foi diferente, todas essas questões me afligiram. Não sei bem o porquê, mas a idade dos garotos era a maior preocupação. Sabia como era mais ou menos a dinâmica de uma categoria de base de um clube de futebol, entretanto apesar de ter trabalhando muito na feitura de meu roteiro de entrevista fiquei com receio dele não ser bem compreendido pelos garotos. Mas como saber? Só indo lá pra vê...

Antes de apresentar como foram minhas visitas ao Auto Esporte, entendo que se faz necessário descrever o clube e suas dependências.

O Auto Esporte Clube localiza-se em Mangabeira, bairro mais populoso da cidade de João Pessoa, seu logradouro é a Avenida Hilton Souto Maior S/N. A “macaca autina”, como é carinhosamente chamada por seus torcedores, é

considerada uma das principais esquadras do futebol paraibano. Com 75 anos de fundação e 06 títulos estaduais sempre teve calorosa torcida e tradição na formação de jogadores advindos de suas canteiras.

O Auto Esporte possui em sua área física: um mini-campo, que geralmente é utilizado pelas categorias de base, além de ser alugado para eventos esportivos; uma ampla área descampada que é utilizada como estacionamento e aproveitada como local de treinamento de auto-escolas; uma pequena sala onde se localizam o gabinete do presidente e os troféus do clube; um pequeno vestiário; um dormitório bem acanhado, onde se alojam jogadores profissionais e garotos de origem interiorana; uma lavanderia e uma imensa e bem freqüentada churrascaria, que representa bom aditivo a arrecadação mensal do clube; porém, o grande patrimônio do Auto Esporte é o estádio Evandro Lelis ou simplesmente, “Mangabeirão”, acanhado, contudo simpático e aconchegante tem capacidade para 2.000 pessoas, possuindo uma pequena tribuna para imprensa e varias árvores a seu redor.

Era um sábado de fevereiro quando iniciei meu trabalho de campo. Cheguei por volta das 08h30min, fazia bastante sol naquela manhã, nada que impedisse um amontoado de garotos que sentados no verde e bem cuidado gramado daquele pequeno estádio ouvissem atentos a preleção do treinador, “aqui que está o seu futuro com a bola” percebi logo de início que aquelas palavras curtas, mas de efeito catalisador tocavam os garotos, que permaneciam num “silêncio cartuxista” com suas chuteiras surradas, mas cheias de esperança.

De imediato percebi que representavam um patamar mais elevado entre os aspirantes a craques ali presentes. Pois, nas arquibancadas e por trás dos alambrados, se encontravam outros garotos da mesma idade. Fiquei intrigado e discretamente perguntei a um deles se ali estava havendo algum tipo de rodízio, um grupo no campo enquanto outro esperava fora -- por meio de sua fala descobri que não. Todos aqueles que estavam fora do campo não eram do clube e ansiavam por uma chance de treinar entre aqueles que ouviam a

preleção. Eram os “testes”⁵. Geralmente, estavam acompanhados por seus pais ou desportistas de seus bairros de origem que viam naqueles garotos algum talento.

O professor Hilton após a preleção me apresentou aos garotos e falou um pouco sobre meu trabalho ficando combinado que observaria os treinos e logo após os trabalhos me indicaria um garoto para que eu pudesse conversar.

Confesso que não me agradou muito o método que ele propôs naquele momento, porém, achei que, por ora, não era o caso de contestá-lo, até por que ali era seu ambiente de trabalho e ele exercia poder sobre aquele campo. Não seria agradável ser contrário, naquele momento, àquela determinação. O treinamento teve início e fiquei da arquibancada observando.

No mini-campo ao lado, vários garotos, mais jovens que aqueles que observava, corriam em volta das quatro linhas. Quem os comandava era o professor Normando que, dias antes, tinha me sido apresentado. Percebi então que havia uma divisão no trabalho das categorias de base. Hilton treinava os juniores enquanto Normando acompanhava os garotos da categoria juvenil, que comporta garotos até 17 anos.

Como os garotos dos juniores apenas corriam em volta do gramado, decidi observar um pouco mais o ambiente do clube e sai andando por suas dependências. Parei para observar o treino dos juvenis e quando ali cheguei logo fui recepcionado por Normando que me chamando de professor (apesar de repetidas vezes dizer-lhe que não era docente, durante toda a pesquisa, fui chamado dessa forma no clube) apresentou todo o elenco de seus jogadores.

O treino do juvenil acabava sempre antes dos juniores e naquele dia fiquei muito tempo conversando com Normando que, entre uma piada e outra, ia me apresentando os funcionários do clube. Disse-me que deveria sempre

⁵ Os testes são aspirantes a jogador profissional de futebol. Perambulam por clubes amadores ou profissionais em buscas de chances de mostrar seu jogo. Geralmente estão presentes nas peneiras, atividade que recrutam jogadores sem vínculo de contrato para os clubes, é um empreendimento bastante utilizado e até certo ponto eficaz de se descobrir novos talentos. Durante meu período de pesquisa vários testes apareciam no clube, porém não vi nenhum ser aprovado. Geralmente quando chegava um novo atleta ao clube era via observação e indicação dos olheiros do clube.

procurá-lo quando estivesse no clube, colocando-se à disposição para me ajudar na pesquisa. Após aqueles minutos de prosa, fiquei aliviado, uma vez que a postura daquele treinador me encheu de confiança, pois em pouco tempo percebi seu carisma e liderança naquele ambiente ainda inóspito para mim.

O relógio marcava 11h30min quando percebi que o treino comandado por Hilton estava se aproximando do final. Ao lado de Normando me aproximei do campo e logo percebi que os garotos estavam muito cansados, o sol era muito forte e a carga de esforço não tinha sido pouca, pegavam seus pertences e saiam com rapidez do campo. Senti que naquele momento não seria apropriado sacar um gravador e iniciar uma conversa formal. Nada dito por eles seria espontâneo, percebi que se seguisse a proposta de Hilton naquele momento seria muito evasivo aquela última etapa do treinamento dos meninos, que era a do descanso e hidratação.

Fui ao centro do gramado e avisei a Hilton que estaria de volta na quinta-feira e que, por hora, aquela manhã me tinha sido bastante proveitosa. Suas reações comigo não eram de simpatia, e percebi que não estava muito disposto a colaborar. Para mim, mais parecia que cumpria ordens superiores ao permitir-me observar seus treinos, do que disposição espontânea para facilitar minha estadia naquele espaço. Impressão que se confirmava a cada momento que perguntava se era possível nós conversarmos um pouco sobre a formação de atletas de futebol -- nunca me concedeu essa oportunidade!

Naquela manhã continuei ainda conversando com Normando quando nos deparamos com dois garotos conversando, ele logo soltou uma piada, marcou um jogo para dia seguinte e os apresentou, era Rivaldo e Jair. Dois dos craques dos Juniores, já jogavam no profissional desde o início do ano. Ali trocamos algumas palavras e combinamos conversar mais formalmente nos próximos treinos.

Após esse primeiro contato, minha rotina, durante algumas semanas, era toda quinta e sábado ir ao Auto Esporte. Eu acompanhava os treinos sempre das arquibancadas, que é bem próxima ao gramado, ouvia algumas

conversas dos garotos e comissão técnica, tomando nota de tudo: tipo de treino, palavras proferidas por Hilton, reações dos garotos. Este trabalho de observação que além de solitário por essência, como falava Malinowski (1978), era de fato, naquelas dependências, bastante silencioso. Pois não era freqüente a presença de ninguém naqueles treinos, além dos jogadores, comissão técnica e eu, na arquibancada. Era raro surgir alguém para acompanhar os treinos.

Ao final de cada treinamento, eu descia da arquibancada e ia ao campo de jogo. Hilton então me chamava e indicava alguém pra conversar, aquilo era meio impositivo, pois ele falava “fulano você conversa hoje com o professor”. Confesso que isso me incomodou bastante, apesar de colher as falas como queria, não era a forma ideal que desejava de alcançar os dados. Entretanto, tinha em mente que deveria ter paciência, pois era até então a melhor forma de, naquele momento, ter contato com os garotos. Além do mais, a comissão técnica queria assim, e não era conveniente contrariá-los, neste momento de minha inserção no campo.

No entanto, esta dinâmica se sustentou por pouco tempo, já que, logo, consegui construir um pequeno, mas interessante vínculo com os garotos. Percebi que eles estavam gostando de falar comigo, um deles me disse com a face corada, mais demonstrando entusiasmo “pô, é minha primeira entrevista como jogador”. Outra vez, chegava ao clube quando fui abordado por outro menino que disse: “Rivaldo me falou que você gosta muito do futebol daqui e que vai escrever sobre a gente na Universidade, eu posso dar entrevista hoje?”. E desse contato e confiança foi se modificando a dinâmica das conversas e da própria pesquisa.

Com o tempo, os próprios garotos indicavam outros colegas que tinham trajetórias ricas em fatos que marcavam a dificuldade e ao mesmo tempo a satisfação de se tentar aquela profissão. As entrevistas não eram agora só após os treinos, nem só ocorriam lá pelo campo. Agora todos os ambientes do clube tornaram-se locais para as conversas e entrevistas. O lugar que mais dialogávamos era no estacionamento, lá ficávamos conversando por algum

tempo, às vezes juntavam-se dois ou três garotos que ali compartilhavam suas trajetórias.

E foi justamente nessa convivência e compartilhando suas histórias próprias ou sobre garotos que nem ali mais estavam que surgiu a idéia de redirecionar o meu foco de análise. Desta forma, este trabalho e as discussões nele contidas foram resultados direto dos diálogos com esses aspirantes a craques. Suas trajetórias, seus fracassos, seus sonhos, suas dificuldades e êxitos me direcionaram a tentar perceber, por meio de suas experiências, como cada característica, como cada fala era peculiar e carregava consigo elementos essenciais para se entender o processo de produção de atletas profissionais de futebol.

Neste momento, adianto que fiquei com receio de trabalhar com as histórias de vida desses garotos, mais especificamente com suas trajetórias dentro do mundo do futebol. Pois, tanto teoricamente quanto metodologicamente tudo era novidade para mim. Como a partir daquelas vivências individuais explicaria o processo de produção de jogadores profissionais? Seria possível? Fui percebendo, ao longo de minha convivência com aqueles garotos, atrelada as leituras que ia fazendo, que sim. Pesquisas como a de Norbert Elias (1994) e Mônica Franch (2010), guardadas as especificidades, mostraram-me que era bastante rica essa experiência metodológica. Segundo Mirian Goldenberg

Cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve. Se cada indivíduo singulariza em seus atos a universalidade de uma estrutura social é possível “ler uma sociedade através de uma biografia” conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de uma vida individual. Ou como afirma Norman Denzin, inspirado em Sartre, o homem é um “singular universo” (GOLDENBERG, 2005.p. 36/37).

Alguns cuidados foram tomados a partir do momento que decidi, metodologicamente, seguir este caminho. Fixei-me ainda mais na subjetividade daquelas palavras. Maior atenção teria que dar a cada interpretação que os próprios garotos tinham de suas experiências.

No Auto Esporte, alguns jogadores da categoria Junior eram aproveitados na equipe principal, que estava à época de minha pesquisa de campo enfrentando imensas dificuldades no campeonato paraibano de futebol profissional, estes foram os garotos que tive os primeiros contatos.

Foi muito importante para minha pesquisa conversar primeiramente com os meninos/profissionais. Percebi que eles exerciam liderança no grupo. Assim, sempre nos dias de treinos, chegava mais cedo, para poder pegar o período de preparação dos garotos. Nesse momento, que era mais de concentração, conversávamos sobre futebol, mulheres, bebida (assuntos mais ligados ao universo masculino) o que os deixava bastante à vontade comigo e, de certa forma, diminuía a barreira simbólica (BOURDIEU, 1997) presente em trabalhos deste nível.

Esta estratégia foi bastante positiva para mim. Os garotos mais jovens que ainda não tinham jogado no profissional, também queriam participar das entrevistas, sempre espelhados nos garotos com mais prestígio do elenco. Confesso que não foi premeditado, contudo, as circunstâncias daquela dinâmica me permitiram melhor acesso a todos os garotos e proporcionou depoimentos relevantes a pesquisa.

Entretanto, apesar de bastante positiva minhas intervenções junto aos garotos, algumas questões não ficavam claras ao serem abordadas. Percebi que, por mais que eu tentasse deixá-los à vontade, o constrangimento diante do gravador limitava a clareza de algumas respostas. Em duas ocasiões, por exemplo, quando perguntei sobre a relação com o clube, os meninos aparentemente não quiseram responder. A todo o momento que tentava entrar nessa área eles despistavam. Percebi que ali havia algo de estranho. Depois de semanas, descobri que eles estavam tentando se desvincular do clube e falar sobre isto poderia lhe causar problemas.

Outro caso digno de anotação ocorreu em uma entrevista com um garoto que apresentava dificuldade em se expressar. Muito tímido devido a uma deficiência na fala, quando estava em grupo conversava normalmente; porém, quando sentamos e conversamos formalmente, foi um “desastre”. O

garoto não conseguia dizer nada, até seu nome foi difícil de entender. Essa entrevista no gravador durou seis minutos. Percebi que aquilo era uma violência contra aquele rapaz. Pulei perguntas essenciais, conversei o mais simples e encerrei a entrevista, agradecendo sua colaboração.

Ao desligar o gravador, saímos conversando em direção ao portão. Já era quase noite e o acompanhei até o ponto de ônibus que era ali próximo. Conversamos por volta de dez minutos e ali, naquela conversa informal, obtive todas as questões que poderia querer, até além do que o roteiro direcionava. Metodologicamente, esse caso foi enriquecedor a minha formação, percebi ali, de fato, o quanto é necessário ter sensibilidade a toda e qualquer tipo de situação. Realmente, deve-se saber o que perguntar o que não perguntar e principalmente a melhor maneira de se perguntar (WHITE, 2004).

Até aqui apresentei algumas situações vividas durante minha interação com esses garotos. Agora apresentarei uma personagem já citada, mas que merece ser mais bem descrita neste momento do trabalho, por se tratar de figura capital para realização da pesquisa e minhas reflexões metodológicas, trata-se do professor Normando.

3.2. PROFESSOR NORMANDO

Preocupe-me bastante com a importância de se escolher bem os informantes num trabalho de observação. Neste sentido, naquele clube que pesquisei, não poderia haver figura melhor articulada do que o professor Normando.

Funcionário do clube há alguns anos, Normando sempre alternava o treinamento das equipes de base e a função de auxiliar técnico, na comissão técnica principal. Ex - jogador profissional fez carreira em clubes do futebol paraibano, o que lhe proporciona uma intensa e extensa rede de relações no futebol local.

Nos meus primeiros contatos com o Auto Esporte Clube fui apresentado a Normando como pesquisador da Universidade. Neste momento ele fez

questão de dizer que acabara de se formar em Educação Física e que sempre estava disposto a ajudar no que fosse possível qualquer trabalho acadêmico ligado à área do futebol. Logo percebi que poderia contar com aquela figura franzina mais de forte entonação vocal.

Percebi no primeiro treino que que Normando não era treinador da categoria Junior, mas responsável pela categoria juvenil. O professor Hilton era o técnico do sub - 20. Naquele dia, apreendi como Normando era rígido em seus treinos “acerta essa bola filha da puta” essa foi uma das primeiras frases que ouvi em suas intervenções. Apesar de ríspido com os garotos, era notável o respeito e a obediência.

Conversamos por muito tempo nesse primeiro contato. Falamos sobre o futebol paraibano, sua carreira como lateral direito de vários clubes do Estado, sobre a formação de atletas ligados ao futebol e principalmente sobre minha pesquisa. Fiz questão de apresentá-la detalhadamente, pois percebi de imediato sua relevância dentro do clube. Normando é uma espécie de “coringa” dentro do Auto Esporte atuando em várias funções, deste modo sua influência em todos os setores era visível o que me facilitava a inserção no campo.

Após duas semanas de pesquisa houve uma mudança geral na comissão técnica do clube. Nesta conjuntura, Hilton foi demitido e Normando assumiu seu lugar acumulando o cargo de técnico das categorias Junior e juvenil.

A partir disto minha inserção no clube mudou totalmente. Apesar da colaboração da antiga comissão técnica, algumas questões que me pareciam básicas não eram facilitadas como, por exemplo: o acesso ao gramado, inclusive aos próprios jogadores, o que a cada noite em que refletia sobre a pesquisa era motivo de preocupação.

Com a chegada de Normando ao comando do sub-20 meu acesso aos jogadores tornou-se mais fácil. A primeira atitude do novo treinador comigo foi convidar-me a assistir o treino dentro do campo, juntamente a comissão técnica. O detalhe interessante a se destacar nesse momento foi a forma como fui convidado por Normando. Estava na arquibancada, onde sempre

acompanhava os treinos ministrados por Hilton, quando fui avistado por ele que de lá do gramado exclamou: “oh seu “buceta”! o que você ta fazendo aí, você não está fazendo um trabalho sobre os treinos, então venha cá vê de perto. Você faz parte disso aqui”.

Apesar de meu constrangimento e das gargalhadas de todos, essa atitude de Normando foi importante para pesquisa. Além de ficar mais próximo fisicamente dos treinos, pois ficava no banco de reservas e dali ouvia conversas e interagia com a comissão técnica, como também ficou demonstrado para os garotos que eu não atrapalharia as atividades. Acabei de certa forma fazendo parte daquele grupo que a cada semana se preparava para um novo jogo do Paraibano sub-20.

Cada conversa com Normando era rica para minha pesquisa e nossa relação ia se fortalecendo. Algumas vezes ofereci carona a ele e no percurso falávamos sobre os treinos e jogos da equipe ele gostava de falar sobre os jogadores destacava suas origens e potenciais. E eu às vezes não resistia e acabava dando alguns palpites em relação ao time e aos jogos. Durante os treinos quando uma jogada comentada por ele dias anteriores se concretizava em campo ele virava pra onde eu estava e gritava: “ta vendo, eu não disse”.

A cada dia, graças a Normando, estava cada vez mais fazendo parte daquela equipe, o que era para mim um grande exercício metodológico, até onde eu posso agir? Até que ponto eu posso opinar? Eu ficava tão próximo aos treinos que auxiliava em algumas coisas. Por exemplo, em uma destas tarde de treino o campo estava bastante molhado, por causa de chuvas dias antes, no meio do treino um garoto se machucou e não conseguia se levantar. Por não haver ninguém para ajudá-lo fui convocado por Normando a acudir, “vamos professor, ajuda a André (preparador físico) hoje você faz parte da comissão técnica”. Cenas como essas foram recorrentes nesse período.

Sentia que Normando era meu informante-chave e com ele eu conversava bastante sobre a pesquisa via nele a liderança que White (2004) disse ser tão relevante para se ter apoio em toda pesquisa. Ele realmente entendia meu propósito ali no Auto Esporte. Por meio dele várias questões que

para mim não estavam claras foram “desvendadas” em nossas conversas informais.

Através dele sabia de negociações entre os atletas e o clube, coisa que os garotos não gostavam de conversar. Como num episódio em que o “camisa 10” do sub-20 faltou ao treino alegando problemas de saúde e o diretor de futebol ficou enfurecido com a falta. Não entendi o motivo de tal reação afinal era só uma ausência num treino banal. Porém, após o treino quando estávamos a conversar Normando e eu ele me esclareceu o fato,

Ta vendo professor, o moleque jogou só alguns jogos no profissional e já ta arrumando time pra sair daqui, isso é ter o olho maior que a barriga, só tem dezessete anos já está sendo estrela. Mas o diretor de futebol não vai liberá-lo fácil não, ele tem contrato, ganha 350 reais. Vai ter que negociar pra sair.

Ao mesmo tempo em que Normando me proporcionava informações de relevância a pesquisa atitudes dele me serviam como um exercício metodológico. Algumas questões que me foram intrigantes me levaram a reflexão sobre a atuação no campo.

Certo dia ao chegar ao clube, por exemplo, Normando me chama e me entrega um currículo. Ali estava contida toda sua trajetória: os clubes em que jogou, sua formação acadêmica e os clubes em que foi treinador e disse “aí professor trouxe pra te entregar e aí qualquer coisa...” na hora não entendi muito bem, mas aceitei e não mais toquei no assunto.

No momento em que foi oferecido ainda pensei em recusar, mas se negasse toda aquela relação construída cairia por terra? Não sei. O fato é que aceitei e ele ficou bastante satisfeito. Mas até hoje quando reflito sobre esta questão tenho dúvidas sobre o que Normando esperava de mim. Será que aquela disposição toda com minha pesquisa era guiada por algum tipo de interesse? Será que ele viu em mim alguma possibilidade de melhor emprego? Talvez.

Entretanto questões como essa me fez refletir, sob a luz do pensamento de Foot White (2004), sobre certas relações que se constroem no campo de pesquisa, cabendo ao pesquisador balizar a cada situação o que deve ser feito.

3.3. AS ENTREVISTAS

As entrevistas foram do tipo semi – aberta. As questões em primeiro plano foram direcionadas as percepções dos garotos sobre a profissão de jogador de futebol. O sonho, o dinheiro, a fama era por eles citados como motivo para se seguir esta profissão.

Era perceptível a semelhança das respostas e entendo que não coincidentemente, pois eram todas análogas as frases proferidas, nos mais diversos meios de comunicação, pelos já consagrados jogadores profissionais. Há na fala dos garotos uma padronização do discurso. Humildade, respeito aos companheiros e obediência ao treinador são palavras presentes em todas as respostas.

Adiante as indagações direcionavam-se as trajetórias dos meninos no chamado “mundo da bola” foi justamente aqui que percebi a maior desenvoltura dos garotos a responder as questões. Gostavam de falar sobre aquilo e demonstravam orgulho por suas vivências no futebol.

Quando o tema era a formação nas categorias de base, muito foi dito. As experiências eram riquíssimas, o que permitia me aprofundar, por meio das representações desses jovens atletas, no mundo real da formação de jogadores profissionais no futebol da Paraíba.

Não foi negligenciada a percepção de futuro profissional desses garotos. A discussão sobre a brevidade e difícil reconversão da carreira de futebolista foi tocada diversas vezes nas conversas formais. Em sua grande maioria, os garotos demonstraram despreocupação sobre o assunto, fruto da fé em seu talento e fortuna. A possibilidade real de a profissão não dar certo é algo que pouco esteve presente nas falas dos garotos, apesar das dificuldades por eles citadas de se satisfazerem profissionalmente. ““eu sei que não vou decepcionar ninguém, vou ser jogador” ou “ não sei fazer outra coisa além de jogar bola” são palavras que representam o sentimento de garotos que depositam todos os seus esforços neste empreendimento.

3.4. OS ATORES

Neste momento do trabalho apresentaremos as trajetórias de alguns garotos que convivemos no Auto Esporte Clube. Decidimos apresentar os perfis daqueles que mais representam os eixos que direcionam a nossa análise descritiva.

Assim, cada trajetória a seguir marca um exemplo de nossas linhas de análises em referência à ascensão social através do futebol, debate sobre o fracasso nas categorias de base, a migração de precoces atletas e suas moradias nos centros de treinamentos dos clubes formadores e a relação do processo de produção e formação de atletas de futebol.

Decidimos não apresentar os nomes reais de nossos personagens. Logo, alcunhas fictícias baseadas em nomes de jogadores consagrados serão utilizadas para a descrição. Cada codinome será referente à posição ocupada por cada garoto dentro de campo. Por exemplo, Dida será alcunha dada a um dos garotos que ocupa a posição de goleiro do Auto Esporte.

Dida

Quem assistir a qualquer jogo ou treino das categorias de base do Auto Esporte Clube não deixará de perceber a presença daquele garoto. Na posição que escolheu, dentre as onze possíveis dentro do campo de futebol, não há um só atributo necessário para um bom goleiro que Dida não detenha: excelente envergadura possui 1.90 cm de altura, magérrimo, o que lhe garante agilidade; mãos enormes e seguras; além disso, não tem medo das bordoadas recorrentes nos jogos e do risco que a posição de arqueiro oferece.

Dida é um garoto de fala mansa e humilde, por essas características percebe-se que exerce uma enorme liderança em todo grupo, tem como ídolo no futebol um goleiro estrangeiro, Van der Sar⁶. Porém, faz questão, toda vez

⁶ Edwin Van der Sar é um ex goleiro holandês famoso por pegar pênaltis e por sua altura, 1.97 cm. Jogou por mais de 13 anos defendendo as cores da seleção holandesa.

que fala sobre ídolos, de especificar que se trata de ídolos no esporte, pois seu verdadeiro espelho é sua mãe. Ela sim, o inspira.

Nascido e criado no bairro São José, comunidade com menores índices de desenvolvimento do município de João Pessoa, Dida desde cedo aprendeu a conviver com a marca que representa dentro da capital paraibana ser: negro, pobre e nascido naquele bairro marcado pelo estigma de mais violento da cidade. Filho de pais pobres Dida, garoto de apenas dezessete anos, cresceu sem conhecer muito além daquelas cercanias do bairro. Sem muitos recursos financeiros não teve muito acesso a luxos como os garotos dos prédios ostentosos que acostumou a ver todos os dias pela janela de sua casa.⁷

Apesar dos limites financeiros Dida teve acesso a algo que todo garoto brasileiro algum momento da vida conhece, a bola. E com ela, brincando diariamente nas ruas, nas praias e campos daquela região da cidade que o garoto foi se convencendo que o futebol era algo que lhe deixava alheio a violência e limitações que seu meio social lhe impunha.

Assistindo a jogos na televisão e a programas esportivos aquele moleque foi fortalecendo o sonho de ser jogador profissional de futebol. E foi participando de um dos vários programas sociais que atuam dentro do bairro em que reside que Dida viu seu sonho ter início.

Desde cedo eu quis jogar futebol, ganhar dinheiro, melhorar de vida e quando eu tinha doze para treze anos houve um projeto lá no bairro. Promovia jovens talentos do futebol e fui visto por um rapaz que me trouxe para o Auto Esporte. A partir disso cara, eu vi cada vez mais real aquele sonho.

Rogério

Sentado a arquibancada e fazendo anotações referentes aos treinos daquela tarde de quinta – feira fui abordado por um garoto que ao ver o caderno que eu empunhava pergunta se ali carregava comigo uma bíblia. Sorri achando graça daquela interrogação, mas afirmei que não, disse que se tratava

⁷ O bairro São José faz fronteira com o bairro de Manaíra detentor dos maiores IDH da cidade de João Pessoa e marcado pelas enormes construções verticais.

de um diário no qual fazia anotações sobre uma pesquisa que realizava no clube.

Ao explicar meus objetivos naqueles dias de visita ao Auto Esporte o garoto me disse então que eu iria gostar de ouvir sua trajetória dentro do futebol. Fomos então pra traz da arquibancada do “Mangabeirão”, lá fazia menos barulho e havia um bom espaço para realizarmos aquela conversa.

Rogério era seu nome. Poucas vezes tinha o visto nos treinos, descobri que aparecia pouco porque estava com algumas pendências com membros do clube. Porém, já tinha ouvido falar dele em outras oportunidades, era o tal do garoto que tinha rodado o nordeste e jogado algumas vezes em times profissionais.

Era goleiro e mesmo com apenas dezessete anos era o garoto mais experiente das categorias de base do alvirrubro. Nascido em João Pessoa – PB, bairro do Bessa, Rogério desde muito criança era influenciado por seus familiares a jogar futebol. “Meu pai sempre viu em mim uma possibilidade de ser jogador profissional. Desde cedo me colocou em escolinhas, essas coisas”. Neste processo Rogério acabou mostrando talento e sempre foi o principal atleta dos clubes amadores por onde jogou.

Jogava pelada e treinava diariamente. Assim, o futebol tornou-se sua prioridade desde a infância. Isso tudo sob o olhar atento de seu pai que nunca perdeu um jogo ou um treino de seu filho.

Depois de muitos jogos e muitos treinos Rogério foi convidado a fazer um teste no CSP – Centro Sportivo Paraibano – tinha quatorze anos à época e pela primeira vez teve uma oportunidade de treinar em uma equipe profissional. Era a chance de realizar seu sonho e de seu pai e naqueles gramados do CSP seu talento se afirmou confirmando que “era predestinado e não iria decepcionar meus pais” Rogério dizia que o sonho de seu pai foi o vetor para sua vocação de jogador. Foi através dele “aprendi a amar o futebol e gostar de jogar também”.

Logo, tornou-se o principal goleiro da equipe que viajava por outros estados realizando jogos amistosos e participando de torneios oficiais. Nessas

pelejas Rogério se destacava e no Piauí, num torneio realizado em Teresina, o goleiro foi convidado por um empresário à se juntar as hostes do Porto de Caruaru – PE.

O Porto- PE é uma “fábrica” de craques, além disso, disputa o campeonato profissional de futebol em Pernambuco sendo assim, um trampolim perfeito para aquele garoto que via sua sina se realizando.

Agora com quinze anos de idade Rogério dedicava-se exclusivamente ao futebol. Morava em Caruaru e somente vez em quando via seus pais. Essa dedicação valeu a pena e logo Rogério é convocado pra treinar entre os profissionais do clube.

Até que um dia Rogério viu seu sonho se concretizar. Em uma determinada rodada do campeonato pernambucano os goleiros principais não puderam atuar e ele então foi chamado a jogar.

Convocado pela primeira vez a ser protagonista de um jogo oficial, por um time profissional Rogério descreve qual foi sua sensação “rapaz eu nem sentia o chão ao saber daquela notícia”. E tudo deu certo. Rogério se destacou novamente e sua “estrela brilhou”.

Depois daquele rito de passagem Rogério ganhou outras chances de atuar sendo o goleiro mais jovem a jogar naquele campeonato. Esse fato chamou atenção de alguns clubes dentre eles o Esporte Clube Vitória, da Bahia, um dos maiores clubes formadores de atletas de futebol no Nordeste.

Rogério se empolgou com a proposta, mas, havia pra ele uma dificuldade “eu já estava acostumado com caruaru, eu já vivia bem lá tinha a igreja que eu me apoiava, tinha minha namorada e ir morar em Salvador era um dilema”. Entretanto, seu pai tratou logo de ceifar essa indagação do garoto e Rogério assinou contrato com o Vitória – BA, lá receberia salário e além de treinar conviveria com atletas do alto escalão do futebol brasileiro.

Porém, o que era pra ser um sonho perfeito vai se tornando aos poucos uma angustia recorrente. Rogério não estava feliz. Vivia longe dos amigos, namorada e familiares. Os ares de Salvador não o faziam bem. Mesmo assim,

Rogério começa a se destacar nos campeonatos de base e ganha chance no profissional do clube.

Todo esse processo foi muito rápido “ai eu deslumbrei” diz Rogério com ar de arrependimento. Ele começa a se sentir indispensável e começa a abandonar os treinos e não se dedicava mais ao trabalho. Porém, ele próprio diz que tinha muito de tristeza naquelas suas ações.

Rogério às vezes achava que aquilo era o sonho de todos os garotos de sua idade, mas para ele começou a não mais fazer sentido. Assim, abandona o clube de vez, mesmo contra os conselhos “desesperados” de seu pai que não acreditava que ele ia abandonar a “chance de sua vida”.

Destarte, Rogério chega de volta a caruaru em busca da “parte feliz” de sua vida. Entretanto, caruaru não era mais a mesma coisa e aquilo mexia com ele que “não tinha paz e comecei a fazer tudo errado e dessa forma de agir minha namorada rompeu comigo” assim, Rogério volta pra João Pessoa.

Neste retorno Rogério “regride” em seu processo de formação profissional no futebol. Vincula-se novamente a um time pessoense chegando ao Auto Esporte em 2011, numa tentativa de retomar a carreira. Porém, não tem mais o apoio irrestrito de seu pai que se decepcionou com as decisões de seu filho. Rogério quando o conheci buscava se reerguer. Apesar de recorrentemente falar com os olhos marejados ele fala em tom de esperança.

Marinho

Marinho é o típico garoto do interior nordestino. Nascido na cidade de Cubati - PB desde a infância teve poucas oportunidades de lazer que não fosse à bola de futebol. Essa desde os sete anos de idade é a sua maior paixão. Influenciado por tios e o pai, Marinho sempre esteve envolvido em jogos de futebol pelo interior paraibano e este contexto, a cada jogo ia desenvolvendo a pratica do esporte.

Convidado a cada fim de semana para formar equipes amadoras aos poucos começa a ter prestígios entre os garotos, chegando até mesmo a ser

remunerado para jogar. Aquela altura ter Marinho em sua equipe fazia grande diferença nos torneios de futebol local.

Em uma dessas exibições Marinho foi “descoberto” por um olheiro que o levou a treinar no Campinense Clube, time profissional do futebol paraibano. Ali Marinho viu se concretizando seu sonho de jogar em um clube grande do Estado. Porém, por motivos que nem o próprio garoto soube explicar esta oportunidade não se transformou em sucesso como ele esperava.

Mas, a vontade de jogar profissionalmente não mais deixou de permear o sentido da vida de Marinho “o futebol é hoje a minha expectativa de vida quero e vou ser um jogador de sucesso”. Nesta perspectiva Marinho, como ele mesmo diz, abriu mão de algumas coisas como tentar o vestibular, por exemplo, que era outra pretensão dele “por enquanto parei de estudar. Pretendo em outro momento voltar”.

Assim, com esta idéia em mente, Marinho chegou ao Auto Esporte. Muitos treinos e dedicação ao clube lhe proporcionaram a maior vitória, até agora de sua carreira, tornando-se profissional do clube atuando diversas vezes pelo time principal do alvirrubro no campeonato paraibano 2011.

Gilmar

Cearense, natural de Fortaleza, Gilmar dentre os garotos do Auto Esporte era aquele que a mais tempo estava no mundo do futebol. Com passagens por diversos clubes ele sabe bem o quanto é competitivo e difícil tornar-se profissional de futebol.

Desde os doze anos de idade Gilmar já fazia parte da categoria de base do Fortaleza Esporte Clube. Quando garoto sua família era de classe média tendo assim vários outras oportunidades de lazer e entretenimento além do futebol. Porém, “só da bola que gostava”. Assim, após uma conversa com seus pais fez um acordo de que o futebol só seria levado em diante como “coisa seria” se fosse em consonância com os estudos. Deste modo, desde muito jovem Gilmar acostumou-se a rotina de escola para os treinos.

Por alguns anos ficou no Estado do Ceará, até ser sido sondado por um empresário que o convidou a procurar times estrangeiros para atuar. Gilmar teve medo, mas aceitou, vendo naquela oportunidade uma chance única de conhecer o exterior jogando futebol e ainda adolescente foi jogar no Irã.

Por esse clube estrangeiro Gilmar pode realizar o sonho de conhecer a Europa. Os melhores estádios, os maiores clubes, os mais acirrados torneios. Porém, a euforia foi rápida, pois, ao final do primeiro ano de contrato problemas entre seu empresário e o sheik, dono do clube em que jogava, gerou um desentendimento que custaria alguns dias de apreensão por parte de Gilmar, que por semanas ficou sem saber qual seria seu destino em um país completamente distinto do Brasil. Mas conseguiu voltar ao Brasil e veio jogar no futebol paraibano.

Essa experiência como explicou o próprio Gilmar serviu para que ele entendesse, através da vivência concreta desse fato, como se dava a relação entre empresário e jogador. Com isso, hoje Gilmar é seu próprio agente. É ele quem faz contato com os clubes e gerencia sua carreira, que para ele se torna cada vez mais complicada de se concretizar.

O Auto Esporte é uma de suas últimas “cartadas”. Porém, não se vê longe do futebol profissional e há pouco tempo ingressou no curso de Educação Física na Universidade Federal da Paraíba.

Em nossas conversas Gilmar confessou que está começando a repensar a sua carreira. Quer ser preparador físico e formar novos atletas de futebol. Ele sabe que seus dezenove anos já não mais permitem apenas treinar entre os Juniores. Entende que já esta na hora de ter chance no profissional, coisa que não esta ocorrendo. Assim, ele já teme o insucesso por isso sua dedicação a educação física, sendo “sua saída para continuar trabalhando com sua grande paixão, o futebol”.

Os Meninos de Belém

A cidade de Belém, interior paraibano, apresenta bons torneios de futebol amador e dentre as agremiações que compõem os jogos existe a Estrela Azul. Essa equipe sempre apresentou jogadores de excelente capacidade técnica. Neste sentido, e de olho em novos talentos a comissão técnica do Auto Esporte analisa sempre os atletas dessa equipe. Nessas observações surgiram Jair e Cafu.

Centroavante de bom porte físico, Jair impressionou Normando, que viu naquele garoto uma figura de confiança dentro de campo. Jair, filho da pobreza do brejo paraibano teve as mesmas expectativas dos jovens de sua idade “nós só pensávamos em jogar futebol” e assim, em 2011 conseguiu a chance de sua vida “a maior vitória que tive até agora foi vestir a camisa do profissional do Auto Esporte”.

No time profissional Jair, virou referência e exemplo para os garotos de sua região. Apesar de como ele mesmo diz, não ter conseguido nada ainda na carreira e o futebol é sua real condição de “crescer na vida e de dar uma vida decente pra sua família”.

Neste sentido, Jair se orgulha de ter chegado até onde chegou e de servir de exemplo aos garotos de sua cidade. E foi justamente através do bom desempenho de Jair no Auto Esporte que o clube buscou novos talentos em Belém observando e se agradando de Cafu.

Com apenas dezessete anos Cafu em poucos jogos pela Estrela Azul chamou a atenção de Auto Esporte. Forte, rápido e inteligente, atributos essenciais para um bom lateral, Cafu viu em curtíssimo prazo sua realidade se modificar “em pouco tempo eu já estava me despedindo da minha família e vindo morar em João Pessoa”.

Cafu nunca tinha saído de “casa” nem imaginado que seu passatempo preferido lhe proporcionaria tantas mudanças em sua biografia. Em meses o futebol ganhou outra proporção na trajetória de Cafu. Segundo ele, jogar

profissionalmente era algo muito distante e de repente virou o sentido de sua vida.

Porém, não é fácil essa caminhada. Para quem nunca tinha viajado de Belém morar em João Pessoa e principalmente numa concentração é ainda uma grande dificuldade para esse garoto. “cara, a vida de concentração não é fácil. Vivo sempre no clube. Saio pouco. Meus amigos e familiares estão em Belém e isso bate muita saudade”.

Mas, apesar da “dureza” do dia – dia Cafu insiste em dizer que agora os seus planos estão direcionados ao futebol profissional. Ser jogador o fez abandonar os estudos, assim, como outros garotos do clube. Mesmo achando que não deveria “mas não dá por enquanto pra conciliar. Vou voltar em outro momento”.

Assim, treinar, descansar, treinar e descansar é a rotina desses garotos de Belém que moram na concentração do clube. Com uma meta bastante clara de se profissionalizar no futebol e um sentimento de esperança e vitória por já se diferenciarem de centenas de garotos, por se encontrarem num clube profissional de futebol, esses garotos vêm a cada treino e cada jogo seu sonho se concretizar.

4. O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL

A idéia do craque nato é um mito imbricado nas consciências dos torcedores brasileiros. É muito comum se ouvir expressões do tipo “aquele moleque joga muito, já nasceu pronto pra jogar bola”. Porém, a realidade do futebol é outra muito distinta, pois, muito trabalho e disciplina são investidos por esses garotos desde sua infância para que possam tornassem jogadores profissionais.

Neste capítulo apresentaremos as principais nuances que envolvem a primeira etapa da carreira esportiva de atletas de futebol a partir do caso do Auto Esporte Clube. Para consecução deste desiderato, partiremos do pressuposto que estes garotos participam de um processo de inserção em um esporte altamente espetacularizado e por isso são modelados para o *business* do futebol. Neste sentido, adotaremos a distinção conceitual, cunhada por Arlei Damo (2007), entre formação dos atletas de futebol e produção de atletas.

Para Damo (2007) ao se pensar esta etapa da carreira esportiva como processo de formação, logo por analogia, surge à mente a idéia de escola. Já ao empregar produção como termo, a fábrica surge como figura isomorfa ao processo.

Prosseguindo sob a lógica do argumento de Arlei Damo (2007) percebemos a sutileza da distinção dos termos e mais ainda a relevância desta diferença para se compreender este processo. Assim, formação é direcionada a pedagogia, neste sentido o futebol seria um ambiente de aprendizado. Já produção esta mais enviesada para a indústria, a criação, a modelagem.

A diferença é que o termo *formação* sugere algo próximo ao mundo das idéias, da abstração, uma vez que enfatiza o caráter, as mentalidades e o aprendizado de uma produção, como domínio de uma competência ou conhecimento. O termo *produção* sugere algo mais concreto, voltado à produção de utensílios e mercadoria. Remete a idéia de fábrica, de mercado, de capitalismo, de produção em larga escala e de coisas descartáveis. Enfim, “formação” sugere a incorporação

de algo pelo sujeito, sendo este senhor do que lhe foi ensinado. “produção” incita transitoriedade, a mercantilização (DAMO, 2007. P.125).

Apresentada a distinção, entendo que o processo pelo qual, jovens postulantes a craques profissionais da bola são expostos é o modelo de produção. Há um mercado exclusivo do futebol que gira bilhões de dólares anuais e que precisa ser alimentado a cada temporada pelo seu principal produto, o jogador de futebol.

Entretanto, mesmo em meio a este processo maior de modelagem, que acredito ser a função das categorias de base, pode-se perceber no Auto Esporte, também uma idéia de formação que incide em valores, em crenças, enfim, num processo de socialização que dá sentido a vida desses aspirantes a jogador profissional de futebol.

Desta forma, a imagem desta etapa como formação, nas canteiras do Auto Esporte, significa a experiência de construção do caráter dos garotos, dá a idéia de aprendizado de valores sociais e humanos. Os próprios treinadores, não por coincidência são chamados de professores, e fazem questão de exaltar essa função. Um dos treinadores da categoria de base do clube pessoense insistia em dizer que

Antes de tudo queremos formar homens de bem, que irão encarar o mundo de forma honesta, sendo ou não jogadores de futebol. Formamos homens, não só atletas. Sabemos que o mundo do futebol é difícil mais aqui é um espaço de formação humana também.

As linhas adiante tratarão deste processo no quais jovens são preparados para o mercado da bola apresentando suas nuances organizacionais e sociais.

4.1. O FUTEBOL EMPRESA: UM FÁBRICA DE CRAQUES

O futebol no estágio atual de desenvolvimento apresenta características cada vez mais empresariais. Os clubes profissionais de futebol encontram-se

imersos em um processo de espetacularização a cada dia mais complexo. A busca incessante por lucros é a corrida pela sobrevivência no mercado do esporte.

Neste processo, no século XXI, os termos mais crescentes e falados no futebol brasileiro são gestão e mercado. Os departamentos de marketing estão cada vez mais ganhando espaço nos clubes de futebol. A disputa por patrocinadores e cotas televisivas, não raro, ocupa mais tempo nos noticiários esportivos do que as grandes jogadas ou os erros de arbitragem.

Patrocinadores, cotas televisivas e bilheteria de jogos são possibilidades certas de renda. Entretanto, está na formação de atletas profissionais, vistos como mercadoria, o produto mais rentável de um clube.

Sem o atleta não há sobrevivência. Isto, pois, tanto é necessário atletas com identificação com o clube para formação de equipes vencedoras que conseqüentemente angariam mais lucro, quanto a venda destes produtos (atletas) representa uma receita ordinária aos cofres das agremiações formadoras, como apontam os dados recolhidos em relatório realizada em 2008 pela Universidade Master de Futebol

Se em 2007 a venda de atletas para o exterior bateu recorde, atingindo a marca de US\$ 222,6 milhões, neste ano o viés é o mesmo. Só em sete transações já concluídas em 2008, os clubes arrecadaram US\$ 64,5 milhões. E, segundo um levantamento feito pelo Valor, essa cifra poderá subir para US\$ 201 milhões, levando em consideração só as possíveis negociações envolvendo os destaques da primeira divisão do Campeonato Brasileiro deste ano. [...] A receita da venda de jogadores representou 53% do faturamento de 2007 do Sport Club Corinthians Paulista e perto de 43% do São Paulo Futebol Clube. Já no caso do Clube de Regatas do Flamengo, a parcela é de 10%, um indício de que time de maior torcida do Brasil não vem revelando grandes atletas nos últimos anos. A média, no entanto, é de 35%. [...] Historicamente, a venda de atletas e as cotas de televisão são responsáveis por cerca de 50% das receitas dos clubes. "O grande negócio do clube brasileiro é a venda de jogadores para o exterior", afirma Alvaro Reis Serdeira, agente Fifa há cinco anos [...] "Boa parte da receita vem da comercialização de atletas, porque o marketing ainda é pouco", reforça o ex goleiro e hoje agente Fifa Gilmar Rinaldi (RIBEIRO, 2008.p.03).

Partindo desta conjuntura do futebol espetáculo Arlei Damo (2007) propõe três modelos de tipo ideal que servem para o entendimento do processo de produção de atletas de futebol. São eles: o *modelo endógeno*, neste modelo o clube tem a preocupação em formar uma base de jogadores que servirão as demandas do próprio time; o *modelo exógeno* que é exclusivamente voltado a produção para exportação; e o *modelo híbrido* que mescla as duas formas anteriores.

Com efeito, o emprego do *modelo endógeno* é uma perspectiva bastante racional por parte dos clubes que pretendem reduzir custos. Para isso, é necessário que haja uma política voltada para a categoria de base, ou seja, devem-se ter maiores investimentos nesta etapa da construção do atleta para que o custo benefício seja satisfatório. Clubes com menos recursos tendem a assumir esse modelo como forma de sobrevivência esportiva.

O Auto Esporte Clube, por exemplo, passa por uma crise financeira que, em seu ápice, o deixou afastado dos títulos, por décadas, sendo inclusive neste período rebaixado a segunda divisão do campeonato paraibano de profissionais. Porém, nos últimos anos encontra-se num processo de reestruturação de seu departamento de futebol, tendo o investimento nas categorias de base sua principal estratégia de reerguimento.

De tal modo, retornou a elite do futebol paraibano e recentemente foi campeão da Copa Paraíba de Futebol, retornado assim à Copa do Brasil após vinte anos. Esses feitos foram alcançados com uma equipe basicamente formada nas categorias de base alvirrubras de mangabeira. Deste modo, cada vez mais o Auto Esporte assume como modelo de produção o endógeno.

Entretanto, o fato do Auto Esporte volta-se para a categoria de base não significa que ele negue o mercado de atletas de futebol. O clube assume essa postura por necessidade, percebe nesse modelo a melhor forma de baratear os seus custos. Além do mais, a situação financeira do clube se reflete nas condições estruturais do CT – centro de treinamento. Porém o material humano é tão amplo e de tão boa qualidade que mesmo sem uma estrutura capaz de

oferecer as melhores condições à produção de atletas o Auto Esporte consegue nos últimos anos montar times ao menos competitivos.

Neste sentido, e tomando este modelo como tipo ideal para análise, adiante apresentaremos o perfil dos garotos que compõe as hostes do Auto Esporte e a partir de suas trajetórias faremos um paralelo com o processo de produção de atletas profissionais de futebol.

4.2. OS GAROTOS DO AUTO ESPORTE

É relevante neste momento do trabalho que seja apresentado os personagens de meu campo de estudo, para que se entenda o grupo escolhido para análise. Aqui serão apresentadas suas características gerais, pois, adiante me aprofundarei em suas especificidades.

As categorias de base do Auto Esporte Clube são subdivididas em infantil, juvenil e juniores. Cada categoria dessas apresenta um recorte de idade. Meu foco específico esteve sob a categoria juniores ou sub-20, que acolhe jogadores de até 20 anos. Decidi lançar olhar sobre este grupo porque meu interesse consiste no processo de transição do amadorismo ao profissionalismo, justamente o momento em que estes garotos dos juniores estão passando.

A categoria de juniores do Auto Esporte é composta por cerca de 20 à 25 jogadores, este número não posso precisar, pois é freqüente a saída e chegada de atletas, circunstância que se apresentou para mim como um dado relevante, pois, os motivos são variados: abandona-se o clube por não haver mais condições de sustentação dos treinos (passagem e alimentação), alguns garotos podem arrumar um emprego remunerado que suas condições familiares não permitem alternativa de negar-se, ou em outros casos mais específicos por deficiência técnica e física. Geralmente, a saída de algum jogador por questões técnicas é resultado da chegada de outro atleta com maiores atributos técnicos e físicos, assim, posso afirmar que há uma substituição, havendo prioridade a jogadores considerados mais preparados para a categoria.

Deste grupo de garotos conversei com todos, porém, entrevistas formais, foram 16 atletas. Fazendo um levantamento simples percebi que eram gerais a seguintes características:

- Todos são de origem popular, ou seja, são moradores das periferias da capital e da região metropolitana;
- Os seus pais não ganham mais de três salários mínimos, o que representa uma dificuldade no que tange a permanência desses garotos nesse processo de formação profissional.
- Em relação a formação escolar, o grupo de garotos é heterogêneo. Pois, alguns ainda cursam o ensino fundamental, outros o médio ou profissionalizante enquanto apenas um cursa faculdade.

A situação financeira do clube fez com que durante o campeonato paraibano de futebol profissional edição 2011 vários garotos da base fossem convocados para defenderem as cores do Auto Esporte. A temporada foi difícil, já que até a última rodada do certame o clube lutava para permanecer entre as agremiações da elite, evitando o rebaixamento a segunda divisão. No jogo final, realizado no dia 23 de Abril entre Guarabira e Auto Esporte, alguns jogadores dos juniores comporam a equipe que empatou em 3 x 3. Numa combinação de resultados após aquele empate a equipe conseguiu a permanência na divisão de elite.

Neste sentido os clubes brasileiros vêem na formação de jogadores de futebol um investimento barato e com bom retorno financeiro. Neste processo algumas estratégias são utilizadas pelos clubes como forma de melhor adquirir e lapidar os mais perfeitos talentos “brutos”.

4.3. ESTRATÉGIAS PARA PRODUÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL

Na modernidade o corpo cada vez mais é aproveitado para princípios utilitários como produção e alto rendimento. Criou-se então no esporte técnicas e metodologias direcionadas para maior controle produzindo atletas perfeitos

para alcançar enorme desempenho desportivo. Nesta perspectiva, o futebol não é só um jogo, mas uma competição envolvendo outros interesses além do esportivo. Os interesses superavam a noção de ganhar ou perder dentro das quatro linhas do campo.

Neste contexto surgem os CT's – Centro de Treinamentos – estes podem ser considerados laboratórios de formação e preparação de atletas. Nestes espaços jovens entre 13 e 19 anos, em média, apreendem a nova concepção de futebol competitivo, internalizando virtudes como: disciplina, pontualidade, capacidade de adaptação, técnica e preparação física (RODRIGUES, 2004).

A disciplina, não raro, é o fator mais trabalhado no processo de formação do atleta. Para isto, os melhores atletas, aqueles que apresentam melhores perspectiva de transformar o seu dom em profissão, passam por um processo de internato (DAMO, 2007). É nesta “concentração” que os atletas internalizam normas a serem seguidas por um jogador de sucesso.

Os CT's separam os atletas do mundo exterior. Trata-se de um regime militar adaptado ao futebol, no qual o disciplinamento dá-se através de multas para coibir os atrasos e faltas aos treinos. Os clubes utilizam manuais de conduta, cartilhas de comportamento. As inovações advindas do trabalho nos CT's são formas de atender as necessidades do futebol moderno, competitivo e altamente comercializado, por isso cumprem funções positivas. (RODRIGUES, 2004, p. 280).

Esta ideologia estava bem presente nos treinos do Auto Esporte. Nas preleções dos treinadores para seus jogadores a disciplina, a obediência e a hierarquia eram pregadas e exigidas. Antes e depois de cada treino o grupo de jogadores se reunia para ouvir o treinador, aquele era principal momento de apreensão desse discurso.

Um exemplo prático desse elemento ocorreu em um treino coletivo, preparativo a um jogo oficial válido pelo campeonato paraibano de juniores. “O que eu disser e mandar aqui é o que vale e deve ser feito” disse Normando ao se referir a uma jogada que fora ensaiada por ele e os garotos que em sua visão “desobedeceram a ordem superior” não executaram. Os semblantes dos atletas que cabisbaixos ouviam aquela ladainha era de que eles realmente não

deveriam ter feito algo fora das “ordens” e deveriam acatar a punição imposta. Como castigo todos os atletas precisariam pagar o “desacato” com 30 flexões e exercícios abdominais. Este episódio de imediato leva a analogia com o exército. A hierarquia é colocada nos centros de treinamentos como uma forma de disciplina do corpo e da alma desses garotos.

Um dos bons atletas do sub-20, Jair realça: “um bom jogador profissional só é completo através da disciplina”. Para esses garotos a disciplina é fator primordial pra se alcançar sucesso nessa carreira. “para se tornar profissional tem que se respeitar o treinador, as regras, a tática, as ordens” complementa o jovem centroavante, que desde o início do ano de 2011, figura entre os destaques da categoria sub - 20, tendo em várias oportunidades a chance de ser selecionado entre os profissionais do clube.

Este procedimento é uma forma de adestramento do corpo onde esta disciplina produz comportamentos com funções específicas. Segundo Michel Foucault (2011) o corpo se tornou a partir dos séculos XVII e XVIII essencialmente força produtiva e todas as formas que levasse ao desgaste dessas forças de produção era banida e condenada. Com efeito, é nesta conjuntura que se tem a imagem concreta do corpo dócil: “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2004, p.118).

Foucault (2004) argumenta que sempre o corpo recebeu investimentos a servir a algo instrumental. Sempre o corpo teve funções, proibições, limitações e obrigações. Entretanto, a partir da noção de “docilidade” do corpo, as técnicas ganham novas estratégias.

Sob este argumento, se modifica a escala do controle, onde sobre o corpo se exerce “uma coerção sem folga” (FOUCAULT, 2004. P.118) em que este se torna, neste sentido, semelhante a funções mecânicas. Além disso, o objeto do controle também se modifica, o domínio se dá à eficácia dos movimentos, de sua organização interna “a coação se faz mais sobre as forças que os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício” (Foucault, 2004. P.118).

Portanto, Foucault (2004) argumenta que esta nova abordagem sobre o corpo sugere uma coação que não cessa e que se direciona mais ao controle dos próprios processos da atividade em si do que no resultado. Neste sentido, a disciplina é o método que garante e aceita o controle das intervenções do corpo, que permite se impor a relação utilidade – docilidade.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma capacidade que ele procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2004.p, 119).

O corpo é tudo que o atleta de futebol tem a oferecer. O jogador de futebol é um *free* – lance que trabalha com os pés (GIULIANOTTI, 2010). O corpo do atleta é aprimorado durante toda a sua carreira, sendo transformado de mercadoria flexível em capital futebol.

No futebol moderno o jogador produzido é adequado a apresentar um corpo ágil e adestrado, produz atletas de comportamento dócil e obediente. Deste modo, Os jogadores capacitados para gerar lucro aos clubes e aos empresários são formados em escolinhas, clubes, centros especializados de treinamento que criam, adaptam e controlam o talento em prol do mercado. Neste sentido, segundo um dos informantes a vida de um postulante a jogador profissional resume-se da seguinte maneira

A vida de um jogador junior é acordar, treinar, ir pra casa ou ficar mesmo no clube e mais tarde treinar de novo. E a noite procurar descansar pra no outro dia treinar de novo e não tem folga, é de domingo a domingo, domingo a domingo, domingo a domingo. [...] A disciplina que eu to te falando é o rigor de cumprir horários, de você estar em casa cedo pra acordar no outro dia, sabendo que no outro dia você vai ter que dar seu máximo pra utilizar sua ferramenta, seu corpo humano pra trabalhar ali no caso é jogar futebol.

A maratona de preparação nestes espaços de treinamento é árdua. Devido o nível competitivo que estes jovens são impostos, desde a categoria de base, suas capacidades físicas são freqüentemente avaliadas. Diante da excessiva cobrança por resultados positivos os aspirantes a craque são submetidos a exercícios extenuantes, são repetições exaustivas objetivando aprimoramento das funções motoras. Estes trabalhos físicos são copias fidedignas do treinamento de profissionais mais experientes (BANDEIRA; VINHÃO, 2009). Com este objetivo, o jogador de futebol durante toda sua formação profissional tem pelo menos cinco mil horas despendidas ao esporte (DAMO. 2007).

O Auto Esporte investia muito nesse elemento da produção de atletas. A categoria de sub-20 treinava duas vezes por semana. Os treinos eram nas quartas – feiras e quintas –feiras e 50% do tempo despendido a treinos eram destinado a exercícios físicos.

O procedimento era sempre o mesmo: o plantel era dividido em três equipes. Cada uma delas treinava uma área específica do corpo e revezavam esta prática. Durante quatro horas seguidas três preparadores físicos instigavam os corpos dos garotos à exaustão.

Porém, além desse elemento de modelagem do corpo produto final de toda preparação física, naquele clube pode-se perceber que esta disciplina assume um viés não só desportivo. Normando muito valorizava a disciplina como processo de socialização “é o cidadão que sai daqui não só os atletas”. Este discurso é assumido pelos garotos dos juniores. Eles vêem a disciplina como uma questão de valorização do sentido de suas vidas. Pois, o futebol é mais que uma profissão é o foco de suas trajetórias e por isto em todas as atividades o futebol direciona suas ações.

É relevante se perceber como essa importância a parte física é inculcada pelos garotos como diferencial dentro da profissão. Os próprios garotos afirmam em conversas informais ou nas entrevistas, sua preocupação em relação à disciplina do corpo. Por conta própria dedicam-se fora dos dias de

treinos a seu desenvolvimento físico. O discurso de Normando assume um viés moral inculcada pelos jovens.

A cobrança e ênfase sob a parte física são tão grandes que um caso emblemático em meu período de pesquisa baliza essa idéia. Paulo Cesar, 17 anos, treinava machucado. Mas, “o medo de ficar pra trás dos outros fisicamente” fazia com que mesmo marcado por dores intensas ele não deixasse o treino. Dizia que não poderia mais ser dispensado por contusão, (já havia saído de um time no Rio de Janeiro por questões físicas) via no Auto Esporte o “trampolim” para alcançar outros clubes de maior expressão.

Eu treino machucado há muito tempo. Mas não vou vacilar. Eu estou com um problema no joelho e meu dedo do pé esta fora de lugar. Mas tem que treinar pra poder garantir a vaga no time. Para se tornar jogador se tem que esforçar o máximo nos treinos físicos. Hoje é fundamental o corpo forte. Dá-se o máximo que puder nos tempos de treino. Além disso, no meu caso, fora do clube minha diversão é correr na praia. Não bebo, eu não fumo, pois preciso cuidar de meu corpo. É com ele que trabalho. [...] Eu já acompanhei muitos treinos, há muito tempo, e digo que desde pequeno o principal é o treino físico o que destaca os jogadores mais preparados é o bom físico. O principal objetivo para se chegar ao auge da carreira é ter preparo físico.

Um dos garotos advindo do interior do Estado falando sobre sua rotina enfatiza que tudo gira em torno do cuidado de seu corpo.

Eu tenho o futebol como futuro. Vim pra cá atrás disso por isso não posso vacilar com a disciplina. Todo dia acordo cedo quando treino não procuro correr, mas comer bem. Quando não tem treino eu procuro manter minha forma física. Não bebo, não vou a festas, não durmo tarde isso atrapalha no mundo do futebol deve-se ter a consciência que seu corpo deve ser sadio. Por isso, me dedico a ele. É ele que vai garantir meu futuro no futebol.

Deste modo, o clube assume a função de espaço de socialização, de absorção de valores e crenças que estes garotos mesmo não seguindo suas vidas no mundo do esporte carregarão consigo. O que faz deste ambiente, a partir da relação com a disciplina, um espaço ambíguo de produção de corpos úteis ao futebol e formação de caráter de jovens rapazes.

O modelo atual de adestramento do corpo já se demonstrou eficaz a produção de atletas. Mas como ter os melhores garotos? Aonde garimpar esses talentos? A “migração interna” de jovens atletas oriundos do interior do país aos grandes centros do futebol brasileiro é um dos principais modelos empregados por grandes clubes nesta corrida pelos melhores jogadores.

A promessa de sucesso e enriquecimento instantâneo é a “isca” perfeita para convencer os jovens a se afastarem de suas cidades e famílias em busca de sucesso no mundo do futebol.

Segundo os informantes do Auto Esporte, que já passaram por essa experiência de emigração, este processo é marcado por etapas. É o caso de Rivaldo atacante dos juniores. Hoje com 19 anos começou a viajar desde cedo, mas passou por cada etapa desse processo.

O início da carreira é geralmente pela escolinha. Eu mesmo comecei numa dessas escolinhas. Foi na escolinha da AABB, lá fui treinado pelo professor Assis. Lá me viram e eu fui para fora. Eu sempre joguei fora da Paraíba. Minha história foi a seguinte: eu estava ainda na AABB e fui fazer um amistoso contra o Sport Club do Recife e neste amistoso eu conheci um cara que gostou muito de meu futebol e me prometeu levar ao Rio de Janeiro e realmente isso aconteceu. Por meio desse cara cheguei a um projeto que agrupava vários jovens jogadores de todo Brasil que se reuniam no Rio. Lá teve uma distribuição e fui parar num campeonato de juniores em São Paulo, muito parecida com a Copa São Paulo de Futebol Junior. Por causa dessa minha participação fui parar num time profissional do interior de São Paulo, a Assisense, e joguei a 2ª divisão daquele Estado. Lá conheci um empresário que me levou aos maiores clubes do Brasil: Corinthians, Atlético Mineiro e Avaí.(RIVALDO, 19 ANOS).

Essas experiências podem se estender “além mar” como foi o caso de Gilmar, 19 anos, um dos goleiros dos juniores do Auto Esporte que assim como Rivaldo rodou o Brasil e através de alguns contatos chegou ao exterior.

Eu comecei na escolinha do Fortaleza, eu acho que eu tinha uns treze, doze anos e conciliava com os estudos. Em Fortaleza, cidade grande, é mais complicado pra sair de casa e era direto pro colégio. Pedia até pra sair mais cedo, prejudicava até os estudos pra ir treinar. É uma cidade grande, era quase duas horas pra chegar lá e... de lá eu fui emprestado pra um clube menor. Fui junto com o treinador, saí na posição do

goleiro na confiança do treinador e eu fui com ele pra outro clube. De lá desse clube, o centro união de Fortaleza, eu vim pra cá, pra Paraíba, na época pro Botafogo, fui pras categorias de base pra jogar seis meses e voltar. Depois eu acabei subindo pro profissional do Botafogo. Aí disputei a Copa Paraíba em 2008, no caso nas categorias de base e depois no profissional e terminou o ano lá quando eu vim pra cá, pro Auto Esporte, foi primeira passagem aqui no Auto Esporte em 2009. Neste mesmo ano eu fui disputar a terceira do cearense, cheguei lá recebi uma proposta melhor pra ir para um clube no Irã e de lá a gente disputou uma copa em Portugal, a gente foi bem lá no exterior contra uns dos maiores times da Europa, o Benfica, Atlético de Madrid e Porto... Grandes clubes da Europa. Depois de lá eu voltei pra cá de novo e o presidente me convidou pra ficar entre os elencos dos profissionais. aí fiquei treinando de novo jogando pelo "juniores". Depois, quando acabou aqui a Copa Paraíba de 2009 eu passei um tempo sem clube e voltei de novo pro Botafogo.

A boa ventura no futebol profissional, principalmente na primeira etapa da carreira, é muito influenciada pela relação/dependência dos atletas com os agenciadores da carreira esportiva. Existem duas figuras no mundo do futebol que tratam da carreira esportiva de um atleta: o procurador e o agente de futebol, ou como se convencionou chamar no Brasil, o empresário do jogador. Geralmente, confundem-se essas duas personagens e suas funções. Porém, existe uma distinção jurídica bastante relevante em relação a esses dois papéis.

4.4. AGENTE X PROCURADOR: UMA SUTIL, PORÉM RELEVANTE DISTINÇÃO

O procurador é o representante do atleta nas negociações em que aquele esteja envolvido. Em regra, quem exerce tal papel na vida profissional do atleta é uma pessoa muito ligada ao mesmo, sendo um familiar ou alguém de bastante confiança do jogador.

O procurador munido de mandato, outorgando plenos poderes a ele, fala em nome do atleta. Outra característica é que toda relação entre procurador e jogador é resolvida sob a condição de acordo entre as partes, não havendo,

além da procuração, nem um tipo de contrato de vínculo empregatício, ou seja, não há relação profissional entre atleta e procurador (ANDREOTTI, 2010).

Já o empresário, ou agente de futebol, é um profissional ligado ao mercado da bola. Acumula várias funções no futebol como: encontrar jogadores para determinado clube ao qual mantenha contatos comerciais; procurar clubes para determinados atletas ou ainda “garimpar” talentos. Estes profissionais matem uma rede de contatos por todo país, além de pessoalmente acompanhar campeonatos e torneios das categorias de base em busca de um novo talento.

Esta figura firmou-se no mundo da bola a partir do desenvolvimento do modelo de futebol empresa. Desta feita a FIFA não mais conseguindo evitar as interferências dessas personagens nos clubes decide institucionalizar o exercício desta atividade (ANDREOTTI, 2010).

A principal regra estipulada pela FIFA é a obrigação de relação contratual entre jogador e agente. Não se podem firmar simples acordo entre essas partes, tal qual ocorre com a relação com os procuradores, este contrato deve ter no máximo dois anos havendo a obrigação de se firmar multa, remuneração e o acordo para que parte da renda da negociação de jogadores seja repassada ao agente.

Esta institucionalização tem um caráter de controle das ações dos empresários sobre os atletas, numa forma de defesa dos jogadores. Assim, por exemplo, clubes e atletas não podem negociar com agentes não credenciados à FIFA sob a ameaça de punição.

Com efeito, nos dias atuais, a imersão dos jogadores no campo esportivo esta muito imbricada a um contato com algum agente influente. O relato desses garotos paraibanos que chegaram a alçar vôos maiores no mundo do futebol confirma isso.

Lá no sul você tem que ter um empresário muito bom mesmo. É difícil, a concorrência lá é muito grande. O empresário ajuda muito. O atleta antes sofria com a questão do dinheiro. Hoje o empresário banca tudo. Coloca-te nos times. Já vi caso de jogador entrar em campo porque empresário era forte. Além

disso, jogador não vai a pé pra treino mais não. Se tiver empresário tem tudo, comida, transporte e influência. [...] pra você ter idéia quando eu tinha meu empresário, eu era o único jogador amador o resto era profissional. Eu tinha contato com os caras, eu tava no Corinthians, sabe... E a gente vê que às vezes você é melhor do que eu e até treina melhor, mas às vezes o talento não conta tanto, pois, existe a sorte, existe a “peixada”. E isso tudo passa pelo empresário.

Mas, da mesma forma que o agente facilita a vida desses atletas e os colocam no circuito do mercado futebolístico podem prejudicá-los e colocá-los em situação de risco. Jogadores como Gilmar embarcam no sonho do futebol internacional e dependendo das circunstâncias e relação com empresário essa experiência pode ser frustrante

Por exemplo, pra eu conseguir ir pra esse clube fora do Brasil eu tive meu empresário na época, ele que conseguiu, a gente foi, jogou o torneio lá por eles só que depois acabou que o agente e o presidente lá não acertaram. O “sheik” do time não conseguiu acertar com o cara que me empresariava e eu fiquei nessa sendo jogado pra lá, pra cá, até que ano passado eu rompi com ele e hoje em dia minha carreira quem gerencia sou eu mesmo, mas a situação lá na época foi difícil. (Gilmar, 19 anos).

Mesmo na relação com os clubes em âmbito nacional a situação desses garotos é delicada. Questões como desrespeito ao Estatuto da Criança e Adolescente – ECA é uma constante nessa relação com empresários, nas relações de emigração e concentração de jovens jogadores a clubes formadores. Meninos desde cedo estão sendo levados por empresários e clubes para longe de suas famílias. Apesar do consentimento de seus familiares esses garotos são expostos a situações de concentração e trabalho que não condizem com sua idade.

4.5. A PRODUÇÃO DE JOVENS ATLETAS E O ECA: UMA COMPLICADA RELAÇÃO

Todo esse processo até então relatado do desenvolvimento do atleta profissional de futebol, em alguns aspectos, fere o ECA em que consiste a formação do jovem profissional.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA é proibida qualquer trabalho a menor de quatorze anos que não seja sob condição de aprendiz. Segundo seu art.62. Aprendizagem é toda formação técnica profissional ministrada segundo as diretrizes e base da legislação de educação em vigor. Obedecerá então esta atividade os seguintes princípios: I) garantia de acesso e freqüência obrigatória ao ensino regular; II) atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente; III) horário especial para exercício das atividades. Complementa tal legislação, o artigo 7º, inciso XXXIII, da Constituição Federal, emenda constitucional nº20, de 1998, que disciplina o trabalho de menores:

Proibição de trabalhos noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito anos e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos (CONSTITUIÇÃO FEDERAL).

Segundo Ricardo Tadeu Marques da Fonseca, aprendiz é todo adolescente que se submete a algum tipo de programa metódico em que se alternem tarefas no âmbito da teoria e da prática, projetando-se à progressiva aquisição de conhecimentos que permitam sua profissionalização, sem que o jovem principiante, devido esta atividade, abdique de sua escolarização.

Há duas formas de aprendizagem: a escolar e a empresarial. No âmbito escolar a legislação trabalhista não garante direito posto que, esta atividade é um complemento do ensino escolar. Contudo, distingue-se a aprendizagem voltada ao setor empresarial.

Caso o jovem submeta-se a aprendizagem de tipo empresarial – trabalho contínuo, remunerado e subordinado a um empregador – haverá proteção mediante legislação trabalhista e previdenciária, como por exemplo, resguardo e proteção a vítimas por acidentes. Ademais, conforme art. 64. do ECA, ao aprendiz é assegurado uma bolsa aprendizagem de um salário mínimo.

Diante deste conjunto o jovem atleta de futebol em formação enquadra-se na categoria de aprendiz. Mas estas condições descritas referentes a

legislação trabalhista é observada no processo de formação do futebolista brasileiro?

Os empresários, clubes e parte da mídia esportiva não apresentam nesta etapa de produção do profissional da bola consciência de que este momento na carreira do atleta já faz parte de sua profissionalização. Ainda se tem a idéia de que o futebol é um instrumento de socialização e “resgate” de jovens de origem popular que estão expostos ao tráfico etc.

Como afirma Manoel Luis Melo,

Negar a existência e importância que as escolinhas representam dentro do nosso contexto social, seria o mesmo que ignorar as oportunidades que estas têm oferecido aos jovens, no sentido de mantê-los ocupados e longe das armadilhas que o mundo atual impõe a exemplo das drogas, da violência e outros vícios que tem arrasado a vida e carreira de muitos jovens (MELO. 2009. p.34).

Esta assertiva corrobora com a tese apresentada por Rosilene Alvim (1994), na qual indica que historicamente o trabalho e educação para menores são associados ao tema violência. Neste sentido, o trabalho do adolescente não é visto através da exploração e da possível desqualificação futura, mas como instrumento de socialização. Os espaços dedicados a formação de atletas de futebol apresentam tais características, mesmo que, por trás desta atividade já seja extraída, daqueles imaturos jogadores, mais valia.

Segundo a lei Pelé, os jogadores com 14 anos podem atuar como aprendizes e com isso, devem ser remunerados. Porém, os clubes, em geral, não regulamentam esta situação. Estas agremiações alegam que os olheiros é que recebem maior parte dos contratos e assim ficam com poucos recursos para garantir a formação dos atletas.

Desta forma, podemos inferir que da maneira como estão sendo administrados os espaços de formação de atletas de futebol, no que diz respeito à relação entre atletas, empresários e clubes pode ser considerada desrespeitosa no âmbito legal. Pois, nesta etapa do processo de profissionalização não há garantia de direitos como: a convivência familiar, a remuneração à categoria de aprendiz, ou ainda há atividade exaustiva que

atrapalha o desenvolvimento do adolescente. Desta feita, escolinhas especializadas e clubes formadores de atletas apresentam uma situação de exploração do menor.

Neste processo é despendido muito trabalho e freqüentemente estes jovens não são remunerados por esta atividade, geralmente apenas os jogadores que apresentam mais recursos técnicos, e conseqüentemente maiores possibilidades de futuras negociações milionárias, recebem algum tipo de remuneração (DAMO, 2007). O futebol assim aparece como *locus* de proteção contra violência e entrada desses jovens no mundo do crime. Não havendo consciência, por parte dos gestores do futebol, que este processo deve ser generalizado respeitando a legislação do trabalho.

No caso do Auto Esporte, por exemplo, é perceptível esta relação apesar do prestígio dentro do clube por parte dos atletas da base que envergaram a camisa da equipe principal, eles não possuíam contratos profissionais com o Auto Esporte. Entre aqueles garotos apenas o camisa dez dos Juniores tinha vínculo empregatício com a agremiação. Sua remuneração mensal girava em torno de 350 reais. Um dos informantes explica como é a situação dos atletas na categoria de base.

O meu e o de todos, se não me engano exceto um atleta, é contrato como amador se chama direito federativo do clube, a gente assina um papel, já com comodidade, assina um papel, um termo e lá no clube fica o meu passe no futebol. E pra eu ir pra outro clube no caso, eu tenho que vir aqui e o presidente me liberar, se ele me liberar eu posso ir pra outro clube senão eu tenho que continuar preso aqui ou então alguma coisa de brigar na justiça ou algo assim pra conseguir já que a gente não é remunerado no momento.

Estes garotos, contudo detinham um status entre seus colegas. O fato de eles treinarem entre os profissionais e serem relacionados para os jogos da equipe principal, os proporcionavam distinção no grupo. Os mais novos os viam com respeito e admiração. Em conversa com um dos garotos mais jovens, que treinavam nos Juniores, ele confessou que via nos meninos/profissionais uma inspiração,

Aqui no Auto Esporte é difícil a concorrência. Mas é possível virar profissional. Veja aí o caso de Raí e Marinho. Viraram até titulares, aparecem na mídia, se concentram com os outros... A questão é trabalhar, ter disciplinas nos treinos, que chega a sua hora.

Neste sentido, entendo que não há consciência por parte dos atletas e dos próprios pais que esta relação com um clube é uma relação de “desvantagem” para o garoto ao não ter seus direitos respeitados. Percebo que o fato de estar ali entre os jogadores da agremiação se destacando entre centenas de garotos que não tiveram a mesma sorte já representa uma vitória a estes garotos, quando em verdade, deles estão sendo extraídos lucros por parte dos clubes. Esta relação é sustentada pelo sonho de se estar inserido nesse processo de produção.

4.6. O SONHO DE SER RONALDO: O MITO DA PROFISSÃO FUTEBOL

O processo de desenvolvimento dos atletas é, como se vê, bastante complexo e sustido por sonhos inculcados pelos jovens, geralmente negros e de origem popular, sendo esta aspiração abalizada pela esperança do sucesso e realização econômica e pessoal.

Segundo Carlos Pimenta (2008) na sociedade contemporânea as novas técnicas de comunicação e imagem tornam abstratas as relações entre os homens. E a mídia em regra, passa a intervir na constituição do imaginário individual e coletivo.

Nesta conjuntura, a mídia esportiva cria um mito sobre o futebol, como profissão ideal, negligenciando, na maioria das vezes, todos os bastidores que envolvem esta atividade. Expõe-se o luxo, a riqueza, o sucesso em detrimento das outras realidades mais frequentes de trabalho, insucessos e sacrifícios que permeiam o futebol.

A busca pela carreira de jogador de futebol só ganha sentido quando desconectada com a realidade da vida e das relações travadas no interior da instituição futebol, ou seja, é uma ficção (PIMENTA. 2008.p.116).

Neste sentido, o futebol é no Brasil um *lócus* incomensurável de expectativas e projetos de vida de milhares de jovens. É através dele que garotos por todo país idealizam suas realizações pessoais e concebem espaço de participação social.

Esta relação ainda é mais evidente no que concerne o futebol como ambiente, quase que determinado de ascensão de negros e pobres. Isto está inculcado em alguns jovens que são dessa origem. É o caso de Dida apontado como um dos mais promissores atletas do Auto Esporte. Negro e morador do bairro São José, um dos bairros com os índices maiores de violência urbana de João Pessoa. Diz que foi assistindo a jogos na televisão e a programas esportivos que fortaleceu o sonho de ser jogador profissional de futebol.

Desde cedo eu quis jogar futebol, ganhar dinheiro, melhorar de vida e quando eu tinha doze para treze anos houve um projeto lá no bairro. Promovia jovens talentos do futebol e fui visto por um rapaz que me trouxe para o Auto Esporte. A partir disso cara, eu vi cada vez mais real aquele sonho.

Quando pergunto se fora do futebol Dida vê como real a possibilidade de ter a vida que ele almeja. Ele é veemente ao afirmar que não.

Bom, se não for o futebol... Ai vai ter que arrumar um emprego. Independente de qualquer coisa preciso ajudar minha mãe e minha vó, que é bem doente. Terei que seguir em frente. [para um pouco, olha pra cima e continua] mas vai da certo. Eu quero ser jogador de futebol e se eu entrei nessa é justamente pra tirar minha mãe dali do bairro. Agora, como você disse caso não der certo vou ter que arrumar um emprego bom, mas esse é o problema, pois os que geralmente têm é entregar água, trabalhar num lava jato, aí realmente não da, vai ser só pra sobreviver mesmo né? Não há condição, vai morar ali até... Então cara, fora o futebol, não tem outra saída não. Há varias possibilidades, mas para o que eu quero, não. Para mim é esta opção, só assim, vejo como tirar elas dali, além disso, é algo que eu gosto.

A base dessa idealização encontra-se nas décadas primeiras do futebol por terras brasileiras. Os primeiros ídolos negros neste país surgiram por advento do futebol - entretanto, é importante frisar que isto ocorreu num período ainda bastante marcado pelo racismo, e que a ascensão de atletas negros nos clubes brasileiros foi resultado de bastante luta e pouco acesso –

Arthur Friedenreich, Leônidas da Silva e Domingos da Guia eram reverenciados nacionalmente, através das ondas do rádio que se expandia em meados da década de 1930.

Como já foi abordado alhures esse papel cabe nos dias de hoje as redes de telecomunicação. Segundo Ronaldo Helal (2001) as trajetórias das grandes celebridades são colocadas na mídia como trajetória mítica, criando nesse sentido, idealizações de sucesso.

O bem sucedido atleta de futebol é bem mais do que um ídolo, carrega consigo a marca dos heróis (HELAL, 2003). Isto é consequência dos obstáculos percorridos e vencidos por estes personagens, resultado da própria dinâmica competitiva do jogo que valoriza a relação vitoriosa de um homem em detrimento da derrota de outro.

O atleta de futebol bem sucedido é colocado pela mídia como “guerreiro” e principalmente, sujeito corajoso que ultrapassou as adversidades de sua vida alcançando o cume do sucesso. Estas características fazem segundo Joseph Campbell, um herói.

Esse é o motivo básico do périplo do herói ele abandona determinada condição e encontra a fonte da vida, que o conduz a uma condição mais rica e mais madura (CAMPBELL, 2008, P.132).

Assim, o ídolo – herói é aquele que inspira através de sua ação a “redenção da sociedade” (HELAL, 2003). E neste sentido, os jogadores de futebol são, em suas trajetórias, exemplos marcantes na sociedade brasileira desse tipo de mito

A quantidade de ídolos na história do futebol brasileiro é muito grande. Diferentes enquanto sujeitos, suas biografias podem ser agrupadas em alguns modelos ou arquétipos singulares, próprios da cultura. Enquanto paradigmas de alguns modelos de existência, as biografias destes heróis “editadas” pela mídia falam freqüentemente de trajetórias recorrentes (HELAL, 2001, p.137).

Nessa conjuntura, milhares de garotos, Brasil adentro, vão a cada dia alimentando esta possibilidade de trajetória profissional. Sempre com a mensagem inculcada “se Ronaldo pode, eu também posso” migram de um campo de treinamento a outro, atrás desse sonho. As semelhanças das condições vividas na infância: pobreza, violência, descaso. Inspiram esses garotos que vislumbram uma existência diferente daquela que os acompanha cotidianamente.

Nossa personagem Dida também comunga desse sentimento. Ao atravessar toda a cidade de ônibus para treinar, às vezes duas vezes ao dia, ele sabe que tudo aquilo vale a pena, que mesmo com o pouco recurso financeiro para passagens e alimentação, sua insistência é para ele uma prova que toda dificuldade é apenas um obstáculo a ser vencido e que ao final tudo vai sair como planejado.

Meu sonho é ser jogador, minha meta é essa. E eu procuro sempre correr atrás desse meu objetivo. Graças a Deus eu já estou aqui e isso já é um passo importante. Tem dificuldades? Sim, mas se Deus quiser eu vou vencer na vida... Vou treinar, vou trabalhar, vou fazer bons jogos e alguém vai me ver e me levar para fora do Brasil. Eu acredito nisso, eu sei que é possível. E eu vou ter esse reconhecimento.

Reconhecimento. Aliás, esta é uma palavra bastante frisada durante toda minha convivência com estes garotos. Eles volta e meia, sempre marcavam em suas falas o destaque a busca de um reconhecimento. Para Dida, por exemplo, o dinheiro é sua meta, não tira de mente a idéia de melhorar as condições financeiras da família. Porém, sua dedicação diária nos campos de treinamento vai além da busca por dinheiro. Dida também quer holofotes, ele busca prestígio.

Minha pretensão é chegar ao auge e o auge para mim é defender um time grande, quero ir a Europa, quero jogar no Barcelona ou no Madrid e por lá fazer meu nome. Quero construir fama [...] inclusive o reconhecimento às vezes vale mais do que o próprio dinheiro. Por quê? Porque o dinheiro não compra tudo e quando você é reconhecido isto te traz mais vantagem. Por exemplo, no Bairro mesmo, quando eu chego lá o pessoal diz “olha ali gente, lá vai o profissional” eu não ligo

muito com isso não, até porque eu ainda estou iniciando, mas você já sente que é diferente.

Essa questão do reconhecimento traspassa por questões sociais mais profundas. Segundo Souto de Oliveira (2000) há no Brasil um imaginário da trajetória profissional dos jovens de origem popular. Entende-se que os jovens negros e pobres tem três opções: a criminalidade, o futebol ou a arte e o trabalho proletário.

Em sua tese, Souto de Oliveira argumenta que a estes jovens são impostas barreiras, resultado de sua própria condição de existência. Entretanto, as trajetórias profissionais dos jovens pobres subvertem esses impedimentos sejam por meio de *transgressões* ou através de *invenções* de mercado.

O trabalho ainda constitui a identidade de alguns jovens por todo mundo, pois ainda é bastante influente a ética do trabalho na sociedade contemporânea. Os jovens dão muita importância às relações de trabalho e ainda pode ser considerando como algo básico e essencial para a formação humana (BAJOIT; FRASSEN, 1997).

Entretanto, são múltiplas as experiências vivenciadas e as significações atribuídas ao trabalho na contemporaneidade. Como consequência deste fato, o padrão tradicional de trabalho, entenda-se salário e status, que apesar de ainda ser tido como modelo interessante, vive uma crise, isto resultado da falta de emprego e experiência dos jovens e a ausência de perspectivas profissionais (BAJOIT; FRASSEN, 1997).

O mercado profissional impõe exigências que cada vez mais afunila as possibilidades de inserção dos jovens neste mercado: especialização profissional, cursos diversos, tudo isso demanda recursos financeiros coisas estas que nem sempre são acessíveis aos jovens de origem popular.

Esses fatores fazem com que as aspirações de jovens de origem popular girem em torno de serem famosos e ídolos (OLIVEIRA, 2000).

O seu desejo incide sobre aquilo que não os é acessível: o dinheiro e o reconhecimento social. Há aqui uma consciência do que se é colocado a esses jovens como campo de possibilidade. Eles sabem que cantores e jogadores de futebol de sucesso têm em suas biografias semelhanças com sua realidade e identificam que o talento e a sorte o possibilitaram a ascensão, ao mesmo tempo em que muitos tentaram e também não lograram êxito (OLIVEIRA, 2000).

As barreiras impostas pelo mercado de trabalho a estes jovens criam alternativas diversas, que vão além do mercado formal. A falta de oportunidades de trabalhos fixos, que exija atributos intelectuais e proporcione ascensão econômica levam estes jovens a procurarem alternativas de geração de renda.

As *transgressões* são uma possibilidade. O mercado das drogas é bastante sedutor, pois, o comércio, geralmente está instalado nas comunidades populares e o alto consumo deixa este negócio bem aquecido.

Outra possibilidade de inserção desses jovens incide nas estratégias de *invenção* do mercado. Esta estratégia é chamada invenção porque a profissionalização destes jovens ocorre de forma quase alternativa. Eles inventam o seu próprio mercado.

São tidas como *invenção* as carreiras que proporcionem dinheiro e prestígio isto conquistado por meio do talento e da sorte. Este tipo de carreira proporciona auto-estima pessoal e auto-afirmação do grupo, o futebol, a arte e as carreiras universitárias são os exemplos dessa estratégia (OLIVEIRA, 2000).

Dida é um representante de sua comunidade neste tipo de inserção profissional. Ele entende que a única forma de valorização perante o grupo é através do futebol.

Eu acho que se não for por meio do futebol eu não serei reconhecido por nada. Eu não serei ninguém. Serei como qualquer um desse bairro. Ia ser um trabalhador normal, que não recebe o que merece e não tem o respeito de ninguém. Seria mais um do São José e as outras pessoas achariam, por mais que eu fosse honesto, que eu sou malandro, maconheiro e ladrão [...] já através do futebol... Compare um salário de um

Cristiano Ronaldo com tudo que ganha um rapaz trabalhando no sol quente todos os dias lavando um carro. Essa diferença é muito grande. Somos todos iguais? Eu acho que sim, mas o dinheiro e o prestígio diferencia muito, cara. Por isso eu luto por esse sonho pra não ser mais um desses.

Contudo, a opção pela invenção de mercado acarreta bastante esforço e superação de obstáculos. A *virtu* e a *fortuna* devem estar entrelaçadas para a consecução desse projeto pessoal. A equação: esforço individual + necessidade de redes de incentivo: família, igreja, ONGs, partidos políticos, professores é que proporciona esta possibilidade.

Além disso, estigmas como o da malandragem, da marginalidade, da preguiça são barreiras quase intransponíveis a estes meninos e meninas que trilham esse caminho. Soma-se, a falta de investimentos públicos em cultura, lazer, esporte e educação nos bairros populares criando maiores entraves a estes jovens.

Dida, inserido nesse processo de invenção profissional, argumenta que seu possível sucesso serve também como exemplo de auto-afirmação de seu grupo.

O bairro sofre preconceito e todos nós de lá sofremos com isso. Sendo eu famoso eu quebro isso! Se eu já fosse jogador profissional, com fama eu já estaria dizendo em todo canto o que era o bairro eu defenderia meu bairro, mostraria como as pessoas de lá são honestas. Mostraria que meu bairro é bom, que saem pessoas boas de lá. E seria mais um exemplo. Lá tem professor, lá tem jogadores também, mostrar que somos iguais a todos os outros de outras comunidades. Somos normais.

Entretanto, ao se discutir toda essa expectativa que envolve jovens postulantes a carreira profissional de futebolista, na crença de que por meio deste esporte será certa sua ascensão social, como argumenta a maioria dos garotos que sonha em serem craques, é preciso desmistificar algumas questões.

O primeiro e principal questionamento incide no fato de se entender que todo jogador profissional de futebol no Brasil é milionário e leva uma vida de estrela internacional, como Ronaldo Nazário, por exemplo. Em verdade a realidade dos atletas profissionais da bola é bem diferente. Quando analisados os números concretos referentes a salários de jogadores profissionais percebemos alguns abismos entre o que se configura como real e o mítico.

Segundo Francisco Xavier Rodrigues (2007) 82.54% dos jogadores atuando profissionalmente no Brasil recebe entre um e dois salários mínimos, enquanto apenas 6.92% têm remuneração acima de dez salários mínimos. Trazendo estes números a análise percebe-se que a situação dos clubes e atletas profissionais no Brasil é bastante defasada.

Isso já contribui para desmistificar a idéia de que no Brasil a profissão que mais ganha dinheiro é o futebol. Na verdade, o jogador de futebol parece que é um dos profissionais que, na média geral, recebe salários mais baixos. Na verdade, somente uma pequena minoria é que recebe acima de dez salários mínimos. São 677 jogadores profissionais em todo o país que recebem mais do que dez salários mínimos mensais. (RODRIGUES, 2007.p.184).

Outro questionamento relevante em relação aos mitos da ascensão social por meio do futebol profissional ocorre em razão da idéia do futebol como fácil ponte de acesso de negros a uma condição de vida mais segura economicamente e da inexistência de racismo no meio futebolístico.

É sabida a relação conflituosa existente entre negros e brancos no processo de profissionalização do futebol brasileiro, nas primeiras décadas do século XX. Evidente que muito se avançou dos anos 1930 até os dias atuais, entretanto será que empiricamente há uma relação igualitária entre brancos e negros no meio do futebol brasileiro?

Segundo José Jairo Vieira (2002) esta relação está longe de ser igualitária. Brancos e pardos encontram-se em vantagem sobre os negros em que consiste no número de atletas, grau de escolaridade dos pais e dos mesmos e principalmente em relação aos salários.

Em trabalho realizado com jogadores de todas as divisões do futebol carioca, Vieira (2003) apresenta dados que desvendam toda a mística sob a igualdade racial existente dentro do futebol profissional.

Os primeiros dados relevantes consistem na distribuição dos jogadores segundo cor/raça. 41% dos jogadores são pardos, 25% são negros, enquanto 34% são brancos, o que desarranja a idéia de que a maioria dos atletas de futebol profissional é de cor negra (VIEIRA, 2003).

Porém, os dados mais proeminentes no esclarecimento do mito criado em torno da ascensão social facilitada pelo esporte bretão, refere-se à distribuição de salários. Jogadores que recebem até um salário mínimo são 48%negros, 33%pardos e 26.6%brancos (VIEIRA, 2003).

Já quando se analisa os apontadores referentes ao número de jogadores que recebem salário acima do mínimo a porcentagem dos negros diminui proporcionalmente ao aumento dos brancos. Por exemplo, rendimento de um a dois salários mínimos nota-se que, de modo distinto da primeira faixa salarial, temos 17,4% dos jogadores brancos contra 10,7% dos pardos e 6,2% dos negros (VIEIRA, 2002).

No último estrato apontado percebe-se que jogadores que ganham acima de vinte salários mínimos distribuem-se da seguinte maneira: brancos representam 24.8%, 14.8% de negros nessa faixa de salário e 12.2% de pardos. (VIEIRA, 2003).

Estes números apontam para uma valorização do trabalho de brancos no campo do futebol profissional. No que concerne a média salarial os brancos encontram-se predominantes a partir dos estratos de maiores concentração de renda. Enquanto os negros estão na base da pirâmide salarial, recebendo menos.

Pode-se afirmar então, diante desses apontamentos, que o futebol não promove como é pintada na mídia esportiva a democracia racial nem a vendida ascensão social facilitada. Pelo contrário, assinala para outra forma de opressão e racismo reproduzindo a sociedade como todo.

4.7. O FRACASSO: A FACE DA PROFISSÃO QUE NÃO APARECE

O fracasso é outro elemento marcante ao processo de produção do atleta de futebol. Pouco abordado, porém, muito comum, o fracasso é algo que permeia o cotidiano desses garotos que quando não são afetados diretamente vêem casos de colegas que com frequência são profissionais frustrados ou até mesmo abandonam o esporte.

Mas, o que pode ser considerado fracasso no mundo do futebol? Segundo os informantes, o fracasso é algo que pode ser revertido, sendo peremptório caso realmente o atleta abandone definitivamente os gramados. No campo esportivo do futebol existe um “caminho” para o sucesso, este é definido pelo status do clube em que se atua e pelo salário que se recebe.

Segundo os informantes, para esse caminho há duas possibilidades: ou o atleta inicia sua carreira esportiva em um clube grande, o que facilita o sucesso, ou começa sua trajetória esportiva em clubes de menor porte galgando os degraus do sucesso, ou seja, vai migrando a clubes cada vez maiores.

Neste sentido, o fracasso pode ser entendido de três maneiras: 1) se inicia a carreira nas categorias de base de um clube grande e não se profissionaliza nesse clube, sendo emprestado a times menores ou mesmo dispensado; 2) começa em times pequenos e não consegue galgar degraus maiores permanecendo estagnado em sua carreira; ou 3) tem sua carreira iniciada em clube pequeno e progressivamente vai ascendendo de clube, porém, por motivos não esportivos regride na profissão.

Os motivos do fracasso podem ser de ordem esportiva, ou seja, o garoto não evolui técnica e fisicamente a nível considerado acima da média que proporcione destaque em relação aos outros garotos e que lhe garanta distinção e condições de circular nos maiores clubes, detentores dos melhores atletas.

As contusões também são outros determinantes que não permitem uma ascensão dos garotos na profissão. Os jogadores “bichados” a cada clube são expostos a uma bateria de exames que acusam sua impossibilidade de executar todas as funções de um atleta profissional. É comum as contusões levarem os prematuros profissionais ao abandono precoce da carreira.

Outra causa bastante comum, segundo os informantes, e que é dentre as apontadas como freqüentes motivos do fracasso, é contraditoriamente a menos abordada. Estes motivos são em regra, de ordem particular, ou seja, de ordem social e psicológica.

A vida dos atletas de futebol é marcada por sacrifícios: treinamentos extenuantes, pressão por resultados e distância da comunidade de origem (família, amigos etc.) estes são elementos complexos postos sobre os ombros de garotos recém saídos da infância o que gera muita instabilidade e representa um dos fatores mais relevantes para o fracasso no futebol.

Segundo Hansel e Neuenfeldt (2007) deve-se tentar amenizar o controle que se faz em relação a vida dos atletas dentro e fora das competições esportivas evitando que estes jovens levem uma vida distinta das demais garotos de sua faixa etária. O contrário disso leva ao estresse e o esgotamento principal elemento no processo de fracasso.

Uma forma de se evitar este esgotamento e conseqüentemente, favorecer o desenvolvimento do atleta é o equilíbrio entre a capacidade individual e a relação com o ambiente social do jogador (SILVA; FLEITH. 2010). Os autores prosseguem afirmando que a melhor equação para o desenvolvimento satisfatório do esportista é o triângulo formado pela tríade treinador – família – atleta.

São os elementos que exercem mais influência sobre a prática esportiva dos jovens [...] As relações estabelecidas entre os elementos da tríade são fundamentais para a constituição de um ambiente apropriado à formação do jovem no esporte (SILVA; FLEITH. 2010 p.46).

Dentre os garotos do Auto Esporte, encontrei Rogério, atleta de 19 anos que estava no seu último ano como Junior. Ele não convivia muito com o grupo, porém, segundo seus companheiros tinha uma das trajetórias mais ricas nesse processo da carreira esportiva.

Apontavam Rogério, como um grande exemplo de fracasso no processo de iniciação profissional dentro do futebol. É longa, no entanto, imprescindível a descrição, por ele mesmo, de sua trajetória dentro do esporte.

Eu comecei aqui no CSP – Centro Sportivo Paraibano – por ele disputei vários campeonatos: taça Rio, Copa Piauí de juniores. Nesses campeonatos me destaquei tanto que queriam que eu assinasse contrato com 14 anos, como não podia, falaram com meu pai numa forma de me prenderem no clube. Mas, aí apareceu uma proposta de jogar no Porto de Caruaru. Foi lá que obtive sucesso. Logo subi pra o profissional com 16 anos já era reserva do Porto disputando a 1ª divisão do campeonato pernambucano. Nesses jogos do pernambucano me viram e levaram ao Vitória da Bahia. Caramba, eu estava num time da 1ª divisão nacional.

Entretanto, segundo Rogério, aquilo que ele vivia, apesar de um sonho, não o realizava. O futebol apresenta poucas oportunidades no nível que ele vivenciava no Vitória – BA. Porém, ele afirma que faltava algo que proporcionasse estabilidade.

Esta falta de estabilidade colocada por Rogério é recorrente entre os atletas que logo cedo são expostos as maratonas, pressões e regimes de concentração. O dinheiro e o prestígio que as categorias de base de clubes como Vitória – BA proporcionam deve ser acompanhada e controlada pelo próprio clube e por figuras de confiança do atleta. Pois, senão pode haver uma instabilidade que afeta o próprio garoto. O caso de Rogério é pontual nesse sentido

Eu tive a oportunidade, mas eu não agüentava a solidão só pensava na minha namorada que tinha ficado em Caruaru e na distancia dos meus amigos e do meu pai em João Pessoa. O pior é que eu ganhava quatro mil reais e andava com os jogadores profissionais, saia com eles. Mas não tinha uma coisa importantíssima, cabeça. E comecei a dizer que ia embora, que ia atrás de minha namorada porque não

agüentava mais a solidão e a pressão e ela era a minha fonte de segurança. E assim acabei abandonando o Vitória – BA e fiquei “queimado” por lá.

O fracasso de Rogério consiste no fato de ter “largado” a chance que o futebol o proporcionou. Seus pares no Auto Esporte sonham a cada dia que calçam suas surradas chuteiras e correm naquele gramado do “Mangabeirão” com uma oportunidade como a dele. E ele foi “covarde”, foi “fraco”.

Hoje, Rogério acata isto. Porém, em sua concepção a decisão tomada naquele momento estava correta. Entretanto, não imaginava que a seqüência de sua trajetória tomasse o rumo que tomou. Com os olhos rasos d’água Rogério prossegue em seu depoimento falando o que lhe sucedeu após a quebra do vínculo com o Vitória – BA

Mas você não sabe o que me aconteceu. Pouco tempo depois de eu ter saído da Bahia, minha namorada rompeu nosso relacionamento. Fiquei arrasado. Eu quis morrer! Eu tinha tudo em minhas mãos me ofereceram um carro, eu tinha tênis bom, celulares, cartão de crédito. E de repente eu me vi sem contrato, morando em João Pessoa, de novo com meus pais. Sem dinheiro, sem emprego e minha mãe doente e foi aí que percebi que tinha jogado fora a chance da minha vida. Tentei retomar a carreira e fiquei rodando por esse nordeste. Pulava de clube em clube, cada um menor que o outro, e minhas lembranças faziam perder o gosto de jogar naqueles times. Em verdade, eu continuei ainda me achando muito bom, mas na verdade eu não era mais o que poderia ser. Só no ano passado foram cinco times diferentes. Dentre eles vim parar aqui no Auto Esporte. Cheguei a ser reserva do Vitória – BA com 18 anos agora jogo contra Sousa e Guarabira sendo o terceiro reserva... Quando penso nisso eu choro e penso “rapaz, olha a queda que eu dei” eu sofri tanto que só agora eu estou saindo da depressão, passei mais de seis meses mal. Meu pai, pra você ter idéia, até hoje não fala comigo diz que fui covarde e joguei a oportunidade fora. Eu ando pelas ruas do bairro e sempre escuto alguém falando “lá vai o “fudido”, vejam onde é que ele esta, poderia ta ganhando dinheiro e dando uma vida melhor pra família”

Casos como o de Rogério, é tema bem falado entre os atletas em início de carreira. Treinadores contam histórias de fracasso como uma forma de alertar os garotos das incongruências da vida dentro do futebol. Mas, também

como forma de incentivo de que a oportunidade não deve ser abandonada no primeiro revêis.

Notas de fracasso servem como descrevem os informantes para se colocar “as chuteiras no chão”, a “cabeça no lugar”. Um dos mais promissores atletas da categoria de base do Auto Esporte, Raí, 17 anos. Enfatiza isso em conversa informal que tivemos após um jogo em que se destacou.

Rapaz eu estou no caminho certo aqui no clube. Já jogo alguns jogos no profissional. Mas ainda não conquistei nada ainda. Se pensar que ganhei aí eu nunca vou pra frente. Eu tenho que ter em mente que é degrau por degrau.

Já Rogério, é um exemplo de garotos que convivem muito cedo com a ascensão de sua condição social e não tem estrutura que o “proteja” nesse momento impactante à sua realidade. Rogério tem consciência disso e aponta sua experiência como um exemplo amargo de uma situação recorrente e mais dura dessa etapa da carreira esportiva.

Hoje depois disso tudo te digo que jogador de futebol tem que ter juízo. Apoio da família, dos amigos senão volta pra casa, fracassado. Digo isso porque sei que lá fora você é só. Não existe ninguém pra te ajudar é só você e Deus. Em concentração de categorias de base não existe amigo. Todo mundo é seu concorrente. Quantas vezes lá me chamavam de mimado? Porra, eu só tinha 17 anos e vivia desde os 14 anos no mundo, eu sentia falta de casa. E era pressão pra jogar bem, era empresário cobrando, era torcida xingando, era diretoria em cima... Tudo isso de uma vez, em cima de mim. Isso tudo acabou comigo estruturalmente. Posso te dizer que isso era muito pra mim. E hoje eu sei que ser jogador de futebol não é ser só mais um não. Você tem que ser o cara. Tem muito cara aí na correria e você além de se destacar tem que ter apoio. Tem que ter estrutura: ter a família, ter amigos de verdade, ter uma casa. Basta saber jogar bola não. Eu aprendi isso...

Nesse sentido, e retomando a discussão de Silva e Fleith (2010) jogadores nessa etapa da vida estão expostos ao fracasso. Vencer essa barreira é o passo mais sólido para se alçar vôos maiores na profissão futebol. Rogério entende que se ele tivesse superado essa dificuldade ele teria conseguido alcançar seu maior sonho e sua trajetória seria como planejada.

Se eu tivesse tido mais experiência eu superaria a maior dificuldade para um garoto num time grande. Eu venceria a tristeza da distância, é essa a grande barreira. A solidão do cara longe de casa. A concentração é a pior sensação que pode existir. É triste demais. Aí meu erro foi depositar tudo em minha namorada nem ela nem eu tínhamos experiência. E tudo isso por falta de um apoio. Se eu tivesse tido esse apoio eu não estaria aqui no Auto Esporte, sendo dispensado e com a sensação de ter jogado a vida fora. Eu só me vejo andando pra traz. E para completar não estudei. Só fiz até o primeiro ano. Realmente eu fui um cara que não sei se foi culpa minha ou se eu fui vítima também. Eu realmente não sei. Mas vamos vê no que dá. Tenho 19 anos e espero ter outra chance.

Casos como o de Rogério continuarão recorrentes segundo conversa informal com garotos e técnicos das categorias de base. Pois, a rede de contatos entre os empresários e olheiros por todo país é cada vez mais forte. Disseram-me que os empresários ao saber da capacidade de um garoto de origem popular já entra em contato com a família e por uma quantia irrisória assume direitos sobre os meninos, “por uma cesta básica mensal adquire a procuração do garoto”.

Os pais sem muitos recursos e sustentando o sonho da ascensão social, por via do talento de seus filhos, entregam seus garotos aos cuidados desses agentes que os colocam em clubes que mantêm contatos comerciais, retirando deles o máximo de lucro possível.

No Auto Esporte não identifiquei nenhum agente FIFA. A relação é entre clube e atleta ou procurador. Os garotos são descobertos por olheiros que se espalham por toda a zona metropolitana de João Pessoa, em campeonatos amadores de bairro e intermunicipais.

No período que freqüentei as canteiras do Auto Esporte, vi seis jogadores chegarem ao clube. Curiosamente a maioria advinda do interior do Estado. Chegaram a equipe por intermédio do preparador físico do clube que os observou pelos campeonatos amadores do interior. Esta relação não é por acaso, é pratica recorrente no clube que os funcionários e comissão técnica também apresentem a função de “caça-talentos” por bairros da capital e cidades do interior.

Exemplo deste “garimpo” foram quatro atletas chegados direto de Belém – PB. Oriundos de um clube amador chamado “estrela azul”. Indicados por um olheiro do Auto Esporte esses atletas viviam em regime de concentração no clube. Alimentando o sonho que Rogério alcançou e por motivos além do âmbito esportivo não manteve.

Mas casos como de Rogério são levados a sério pelo treinador e responsável pelas categorias de base do Auto Esporte. Em conversa informal e se referindo aos “garotos de Belém” ele me disse que são jóias a se lapidar e que o clube e ele têm o maior cuidado para que estes garotos não sofram reveses e decidam abandonar o clube.

Exemplo mais marcante desse cuidado consiste no caso de Marinho. Um dos craques do sub-20 e titular diversas vezes no profissional. Ele é visto como líder do grupo e é acompanhado por Normando em todas as situações. Natural de Cubati – PB ele por diversas vezes foi liberado pra ficar entre seus familiares e tem grande apego ao treinador. Ele reconhece o quanto isso é importante nessa etapa de sua carreira.

O apoio dos meus pais me dá força pra continuar, sempre que revejo volto com mais vontade pra João pessoa. [...] Em relação ao treinador os meninos comentam que ele dava muita atenção a mim, muito apegado a mim e ficavam dizendo que era meu pai. Mas não é não, é porque a gente tem que procurar sempre a tá aprendendo com quem entende.

Apesar desse cuidado em relação a estrutura emocional dos garotos a questão da educação formal pouco ou quase nada é discutida pelo clube. Marinho mesmo é um exemplo daqueles que pararam os estudos para se dedicarem ao futebol.

Entrevistador : Você está estudando?

Não eu parei. Terminei o terceiro ano. Vou tentar cursar aí, alguma coisa, ano que vem. Acho que na parte da noite, que é o tempo que a gente tem. Aí eu também não sei por que talvez acabasse aqui, talvez ano que vem eu vá pra outro lugar. Eu não sei, ainda, direito. Mas, por enquanto parei de estudar. Pretendo em outro momento voltar.

O cuidado com os “garotos de Belém” que tanto foi enfatizado por Normando e sua comissão técnica não passa pela questão dos estudos. É o caso de Cafu, 17 anos, oriundo do brejo paraibano. Com porte físico bastante privilegiado para o esporte o jovem lateral logo se impôs como titular do time e com perspectivas de ser efetivado no profissional. Entretanto, para isso Cafu que mora na concentração do clube abandonou os estudos.

Em relação aos estudos eu abandonei. Parei no 1º ano. Pois, não tem como eu estudar agora. Já estamos no meio do ano e, além disso, a oportunidade aqui é muito boa. Eu parei por causa do futebol mesmo. Eu não ia deixar de vim pra cá por causa disso. Como eu te disse a oportunidade é muito boa. A minha perspectiva é assinar com o profissional e agora só da pra pensar nisso.

Pouquíssima preocupação se percebe na convivência com os garotos do Auto Esporte em referência a estudos ou outra possibilidade profissional além do futebol. A fé e esperança de ter seu sonho de fama e independência financeira através de futebol aliena qualquer possibilidade da não concretização de sua trajetória esportiva. Apenas dois dentre cerca de vinte e cinco atletas apresentam preocupação em relação a esta possibilidade

Um deles é Zito, lateral esquerdo de 19 anos, divide os momentos de treino com um curso técnico profissionalizante. Em duas oportunidades conversamos sobre essa questão e ele demonstrava a falta de perspectiva de saída do futebol paraibano, o que para ele dificulta qualquer possibilidade de ascensão dentro do futebol.

Eu há seis meses estou cursando técnico em contabilidade. Eu acho que ser jogador de futebol vale a pena, mas eu entendo que deve ser levando em consideração os dois lados: o de jogador e dos estudos. O mais complicado dos dois é estudar, com certeza é mais difícil, mas eu estudo porque sei que se não der certo no futebol, vai dar pelo lado dos estudos. Porque pra se dar certo no futebol tem que estar num futebol mais estruturado, que deve ser bem diferente do paraibano, que não tem apoio, onde os times em sua maioria só funcionam quatro meses, aqui não tem condições de crescer. Por isso que minha preocupação é continuar aqui sem me aparecer nenhuma proposta ou oportunidade. Por isso eu estou preocupado em

estudar. Preocupo-me muito porque fico preso no futebol paraibano sabendo que o tempo na carreira de jogador de futebol é curta e dependendo da idade eu me preocupo até em deixar e procurar outra coisa pra fazer [...] pra mim hoje ainda vale a pena ser jogador mas, se der 21 anos e eu continuar aqui no futebol da Paraíba eu abandono e repenso minha profissão vou me voltar para os estudos.

Dentre todos os atletas que convive no Auto Esporte, Gilmar é o único que está matriculado em curso em nível superior. Cursando Educação Física na Universidade Federal da Paraíba. O jovem goleiro é bem realista em relação a sua situação dentro do futebol.

Ah com certeza eu penso nisso. Minha preocupação é com a idade, e com o fato de eu estar num futebol pequeno. É tanto que na época surgiu pra eu voltar a jogar e nem por isso eu deixei de fazer a UFPB, vim do Ceará pra cá pra começar a cursar pelo menos umas duas ou três disciplinas pra poder trancar pra quando, se um dia não der certo eu puder voltar e ter meu curso garantido porque o futuro, querendo ou não, é os estudos [...], é difícil viver sem ser jogador de futebol, mas a vida é isso aí: às vezes não dá num lugar, dá no outro, dá num lugar, dá no outro e do mesmo jeito não pode dar no futebol, pode dar no ramo da educação física como professor, um educador físico, eu posso ser um treinador da equipe e por aí vai. Eu já penso nisso, eu já rodei bastante pra saber que nem todo mundo consegue ficar rico com futebol. Tem que pensar desde cedo nisso

Uma das principais características da profissão de futebolista é a difícil reconversão profissional. Milhares de horas são despendidas para execução de seu trabalho. Além de todo este tempo de dedicação exclusiva ao futebol, os saberes e aprendizados absorvidos numa carreira de atleta de fut. pouco oferecem de possibilidades para uma posterior inserção no mercado de trabalho após o término da carreira esportiva (SOUZA et.al.2008).

La frase **"lo único que supe en mi vida es patear una pelota"** se agudiza en una realidad socioeconómica de crisis. Sólo un pequeño porcentaje sigue ligado íntimamente a este deporte "apasionante", ya como entrenadores, periodistas deportivos, empresarios de jugadores, docentes, etc. Los que quedan fuera de "este grupo de elite" (que sigue disfrutando de la popularidad y del buen dinero), es decir, el resto, tiene enormes dificultades para reinsertarse en el tejido social.

Llevar ventaja los que ya desarrollaban alguna actividad comercial o de capacitación durante la carrera de futbolista. Los demás se confrontan con un "vacío" (MENDELSON. 2004. P.01).

Segundo Richard Giulianotti (2010) Há, em geral, na carreira profissional de futebol uma impossibilidade de gerar identidades sociais equilibradas. Ele afirma isso a partir de análise da “cristalização de status” de atletas profissionais, percebe-se que os atletas apresentam pouca “cristalização de status” em outras áreas que não o futebol. Isto é complexo prossegue Giulianotti, pois, indica que as técnicas de treinos atuais acumulam problemas não só dentro como fora de campo. Levando os jogadores profissionais a encararem, durante a carreira, problemas psicossociais sérios quando, principalmente, chegarem ao crepúsculo de sua profissão de atleta de futebol. Isto, pois, o futebol e sua prática profissional pouco ou quase nada estimulam as habilidades sociais dos atletas.

Nesta conjuntura, existem dois tipos de ex- jogadores de futebol: os que se mantêm ligados ao futebol e os que se afastam ou de certa forma são “afastados” do mundo futebolístico. A grande maioria dos ex-idolos se encaixam na segunda opção, o que os transforma em zumbis sociais (SOUTO; 2000). Os atletas aposentados, mesmo os que continuam inseridos no esporte após o término de sua carreira de jogador, acabam perdendo sua função simbólica de mito, de herói. (VERDU, apud SOUTO, 2000).

Por mais preparado que o atleta esteja para o fim da carreira a experiência real de aposentadoria, independente do fator que o levou ao jubilo, o leva invariavelmente a um processo de morte pública

Pendurar as chuteiras pode garantir a privacidade e o relaxamento mental que o jogador almejava antes. Mas comumente anuncia o fim de uma camaradagem institucionalizada com os membros de seu time e a quebra de um espelho público em que se tornou tão familiar [...] para a maioria, a opção dourada de ser *manager*, técnico ou a trabalhar na mídia não é disponível. Mesmo se fosse às

sensações existenciais de jogar não durariam (GIULIANOTTI, 2010. P.162).

Segundo Souto (2000) a maior complexidade neste momento de reconstrução da vida, após o fim de uma trajetória dentro do futebol profissional, é completar um processo que é contínuo, no caso, deixar pra traz uma identidade construída dentro do futebol, no qual tinha status de herói, para incorporar um novo papel no mundo social, entretanto, sem deixar de preservar a imagem de ídolo que já foi, para que não perca parte de si.

Por fim, neste momento de transição da carreira esportiva, o jogador como uma máquina é tido como ultrapassado. O corpo de um atleta apresenta “prazo de validade” sendo descartado quando não mais serve a dinâmica do espetáculo futebol (GIULIANOTTI, 2010). Sendo considerada força de trabalho exaurida no auge de sua produtividade.

Apesar desta complexidade envolvendo a carreira do atleta e principalmente a dificuldade de reconversão não é perceptível nenhuma preocupação nem por parte dos dirigentes em garantir acesso dos garotos ao outras possibilidades de aprendizado, nem por parte dos treinadores e familiares numa tentativa de alerta da difícil realidade presente na profissão e nem por parte dos próprios jogadores que alienados por sua esperança não vislumbram outra possibilidade profissional a não ser dentro do futebol.

4.8. O ANONIMATO: OS DIAS DE JOGOS DO FUTEBOL JUNIOR

Apesar da busca por prestígio e sucesso, por meio do futebol, essa etapa da carreira esportiva dos garotos da categoria de base não é marcada por estes elementos. Durante a pesquisa acompanhamos vários jogos do campeonato paraibano de futebol Junior, a principal competição dessa categoria no Estado e podemos perceber algumas particularidades interessantes a cada jogo. Adiante apresentaremos um desses embates envolvendo Auto Esporte e ABC, equipe amadora da periferia do João Pessoa.

Todos os jogos do Auto Esporte na competição eram realizados aos sábados à tarde. Apesar das pretensões de todos aqueles atletas os dias de jogos são bem diferentes das aspirações daqueles meninos. Sonho de dar entrevista a TV, quimera de estádios lotados, de glória e *glamour* se contradizem a realidade concreta de cada peleja.

Em dias de jogos como aquele contra o ABC esse reflexo é percebido. O jogo foi realizado no estádio Evandro Lelis “O Mangabeirão” era jogo importante, uma vitória praticamente garantia o Auto Esporte na outra fase da competição. Porém, apesar da importância nenhuma nota fora dada em jornais esportivos.

O público desses jogos é, em regra, sempre o mesmo. Não passa de 50 espectadores: são familiares, alguns funcionários do clube, jogadores de outras categorias do próprio Auto Esporte e alguns pouquíssimos moradores da vizinhança que vêm naquele jogo um bom passatempo.

Todos ali presentes não torcem pelo time, mas para o seu preferido. A expectativa é o destaque do garoto a que veio acompanhar. Quanto melhor este jogue, mais chance tem de ser, de alguma forma, observado. Um dos pais desses garotos em todos os jogos carrega consigo uma câmera de vídeo. Cada jogada, cada drible, cada gol é registrado. O orgulho de cada um se mistura com a expectativa da ascensão desses atletas.

Já para os atletas todo sábado de jogo é um dia especial. Ao acordarem pela manhã projetam a glória de uma boa apresentação. Para eles, estas oportunidades que os jogos proporcionam são a principal fermenta de ascensão, de se colocarem a amostra. Como afirma um dos informantes dias antes do jogo

Dia de jogo é um dia diferente. O diretor de futebol está presente. Pode ter algum olheiro de time grande. Um empresário. É nesse sentido que eu jogo. É pra aparecer que me esforço em dias de jogo.

Por ser um ambiente de projeção, os jogadores como, uma mercadoria, são expostos como um produto de qualidade. Este fato cria nuances a cada jogo, por exemplo, quando se é direcionado qualquer crítica referente a determinado jogador “toca essa bola direito, fulano. Esse moleque não tem condições de ser profissional!” isso gera conflito nas arquibancadas. Pois, os interessados naquele jogador específico percebem que a crítica prejudica a imagem de seu produto.

Outro elemento que se percebe é a discrepância entre os dois times. O Auto Esporte apesar da simplicidade e falta de estrutura de seu clube. Ainda se destaca muito em relação às outras equipes que concorrem à competição, pelo menos entre as agremiações que compunham seu grupo de disputa.

Os uniformes, alimentação na churrascaria, o fato de o time se concentrar, uma comissão técnica composta por preparadores físicos tudo isso proporciona destaque do alvirrubro em relação às outras equipes. Um fato marcante, mas que estrema a situação dos clubes chamados de “várzea” incide que durante esta partida a cada substituição realizada pelo ABC os jogadores que saiam cediam suas caneleiras aqueles que entravam em campo. Só havia onze caneleiras disponíveis aos garotos daquela equipe.

Em conversa informal com um desses jogadores do ABC foi dito que a grande motivação, apesar de toda essa limitação, consiste no fato que sempre dois ou três jogadores desses times de bairro que jogam contra o Auto Esporte são observados. Isso é utilizado pelos técnicos dessas equipes na preleção antes dos jogos. A motivação desses garotos é ascender do topo dessa pirâmide existente na categoria amadora: time de bairro, sub-20 de clube profissional, categoria de base de time de 1ª divisão.

Fim de jogo. Auto Esporte 4 x 2 ABC e mais uma etapa na vida desses garotos postulantes a profissionais da bola se conclui. Exaustos os jogadores do ABC, apesar da derrota valorizam a oportunidade de enfrentar um clube tradicional e quem sabe por ele ser convocado.

Já os garotos do Auto Esporte saem de campo com a sensação de missão cumprida nesse trajeto complicado que são as categorias de base da

Paraíba. Saem posando para fotos que se juntarão aos álbuns e vídeos montados para demonstração de seu talento.

Simbólico é a espera, do lado de fora do campo, por parte de ex-jogadores e “peladeiros” pelo esvaziamento do gramado, em que a pouco se realizava mais uma etapa no início da carreira daqueles garotos. Sendo irônico e definidor do que é o ciclo da carreira profissional de um atleta de futebol.

Ali refleti sobre o que realmente motiva a busca por esse esporte como trabalho. Será que há algo mais influente a busca por essa profissão do que a paixão? Fiquei observando aqueles veteranos jogarem e identificava o mesmo entusiasmo dos garotos que a pouco se esforçavam para se projetar no futebol. Aquele mesmo gramado, aquela mesma bola, aquele mesmo alvirrubro endossado por aqueles jogadores. Será que aquela disposição não é ainda reflexo do lúdico e mimético sentimento que desde sempre o homem manteve com a bola? A subjetividade desses atletas que impulsiona a vontade de se jogar futebol? O prazer é a paixão pelo desporto que leva a dedicação de uma vida ao esporte como sintetiza a fala de Marinho

Sempre foi meu sonho, eu sempre busquei isso, eu sempre falava pros meus pais que eu ia ser jogador de futebol. Eu acho que é o que eu curto. Quando eu to dentro do campo eu me esqueço de tudo, fico feliz, sou feliz. Eu acho que se for pra eu ter outra profissão, a não ser futebol, eu acho que não me ia sentir completamente realizado. Eu só tenho meu dia realizado se eu chutar uma bola. Sem ela eu me sinto vazio.

Entretanto todo esse fascínio que o futebol promove é absorvido pelo mercado. O processo algures apresentado é resultado de uma apropriação por parte do mercado que tornou espetáculo o que apenas era lazer. O mito da profissão milionária, a idéia da ascensão social facilitada, a procura de um ambiente de democracia racial tudo isso é uma construção do mercado do futebol.

Percebemos durante a convivência com esses garotos que a paixão pelo esporte é colocada em primeiro plano quando na verdade eles são envolvidos num processo que os modela em prol de um espetáculo que não os prepara

para uma realidade além dos gramados e os descartam quando não mais forem úteis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, a guisa de conclusão podemos inferir algumas questões relevantes.

Primeiro que o futebol profissional tal qual entendemos atualmente é resultado de um processo marcado por contradições e conflitos envolvendo atores que tentam se impor como “profissionais da bola”.

Esta relação conflituosa continua em um processo imanente em que aqueles que se encontram envolvidos neste campo ainda lutam por espaços mais privilegiados dentro do esporte.

Percebemos ainda que o futebol no Brasil apresenta um significado simbólico muito grande. A profissão de jogador torna-se quase mágica. Ali não são homens e sim heróis que representam uma vitória, através do talento e vocação, sobre as mazelas do cotidiano pobre de milhões de garotos brasileiros.

Este mito leva ao sonho desses meninos que desde cedo aprendem que a saída, mas viável para uma vida de riqueza e fama é por meio do futebol. Esse ideal é resultado de um processo político e social iniciado na era Vargas e estendido pela mídia até os dias atuais.

Porém, a realidade da profissão é completamente distinta da maravilhosa e exibida vida de abundância de um Ronaldo Nazário e um Romário. Pois, menos de dez por cento dos atletas recebem mais de quatro salários mínimos e os negros são os menos bem remunerados.

Entretanto, apesar dessa realidade o futebol ainda é visto por esses garotos que almejam o futebol como profissão o caminho mais real de se driblar a pobreza.

Ademais, percebemos a partir do depoimento dos atletas do Auto Esporte que as opções no processo de transição a vida adulta, através da profissão são bastante restritas. Os garotos vêm na profissionalização por meio do futebol um dos poucos caminhos possíveis para alcançar o que almejam.

Assim, o futebol profissional é visto por esses meninos como uma alternativa real de ascensão social e protagonismo, reconhecimento. O futebol seria para esses garotos um ambiente possível e democrático para se exercer o seu papel de agente social.

Outra questão relevante observada incide na relação produção/formação de atletas de futebol. O processo de espetacularização que afeta o futebol profissional faz com que o jogo seja dominado pelo mercado. Este processo a meu ver permite um intenso processo de objetivação dos atletas.

Nesse sentido, as relações comerciais entre clubes e jogadores profissionais de futebol podem ser compreendidas através da teoria marxiana de trabalho. Segundo Karl Marx, no sistema capitalista o trabalhador produz bens que não lhe pertencem e cujos fins, depois de realizados, escapam ao seu próprio controle (MARX, 2004).

Os futebolistas profissionais, inseridos nesta empreitada capitalista chamada futebol, são formados e controlados cada vez mais cedo sendo logo captados por agentes e empresas/clubes para gerar lucro a esse negócio. Assim, o atleta de futebol encontra-se no mercado da bola enquanto condição de mercadoria.

Assim, e prosseguindo sob a luz do pensamento marxiano, quanto mais o jogador de futebol se desgasta a trabalhar, mas poderoso se torna o mercado da bola. O jogador produz, mas o objeto produzido não lhe pertence ao final da atividade. Apesar disto ali está objetivado sua força de trabalho. Alheia a ele neste sentido aparece o trabalho estranhado. (MARX, 2004).

Assim, o jogador profissional despossuído de meios de produção do futebol existe apenas, através de seu talento, como sujeito físico e só sobrevive como tal a partir do trabalho oferecido. Entretanto, inserido neste processo de mercantilização do esporte só trabalha justamente por que cabe a ele este único papel, sujeito físico.

Apesar deste caráter extremamente violento a que se é submetido o jogador de futebol, desde o início de sua carreira, percebemos no Auto Esporte uma idéia de futebol também como formação de valores.

A idéia de disciplina, por exemplo, pregada por treinadores e jogadores faz com que mesmo em meio a um processo maior que é o da produção de atletas para suprir o “mercado da bola” haja uma valorização de elementos subjetivos como crenças e valores que marcam a vida dos atletas para uma experiência que vai além das quatro linhas de campo.

Deste modo, percebemos que o clube é um espaço de formação e socialização aonde são internalizados valores e crenças que dão sentido a vida desses garotos. A vida dos atletas gira em torno do futebol e dos discursos ali apreendidos como disciplina, honra, respeito. Há ali, além da modelagem de um corpo útil ao mercado esportivo uma formação moral dos garotos.

Neste processo e com esta perspectiva percebemos que os garotos assumem a responsabilidade por seus fracassos ou glórias na profissão. Os depoimentos dos meninos do Auto Esporte são adequados ao que fala Zigmunt Bauman (2008) em relação individualização na sociedade contemporânea.

Para este autor, na procura de se dar sentido a sua existência os homens acabam se culpando pelas falhas e fraquezas. O insucesso que se encontra no cotidiano é resultado de uma incompetência individual. Isto é perceptível a fala dos garotos do Auto Esporte, principalmente ao que se refere ao fracasso na profissão.

Deste modo, o futebol ainda é tido como um espaço democrático de ascensão social que leva milhares de garotos Brasil afora a buscarem um sucesso quase impossível, mas que instiga sonhos e requer sacrifícios.

REFERÊNCIAS

AGRESTA, Marisa Cury; BRANDAO, Maria Regina Ferreira; BARROS NETO, Turíbio Leite de. Causas e conseqüências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói, v. 14, n. 6, dez. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922008000600006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 out. 2011. doi: 10.1590/S1517-86922008000600006

ALVIM, M. R. B. . O Trabalho Infantil Em Discussão. In: Maria Rosilene Baborsa Alvim. (Org.). *Terceirização: Diversidade e Negociação no Mundo do Trabalho*. 01 ed. São Paulo: Hucitec/CEDI/NETS, 1994, v. , p. -.

ANDREOTTI, Leonardo. **Empresário de futebol no Brasil**. Disponível em : <<http://justicadesportiva.uol.com.br/artigo.asp?id=19071>> acesso em 14 de novembro de 2011.

BAJOIT, Guy; FRANSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED Número

BANDEIRA, Tânia Leandra ; VINHÃO, Marcio Aguilar . Formação do atleta de futebol nas categorias de base: o desenvolvimento motor. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 138 - Noviembre de 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> ACESSO: em 05 de outubro de 2011.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008.

BENITES, Larissa Cerignoni ; BARBIERI, F. A. ; SOUZA NETO, S. . O futebol: questões e reflexões a respeito dessa profissão. IN: **Pensar a Prática (UFG)**, v. 10, p. 51-67, 2007 ISSN/ISBN: 14154676. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/viewArticle/188> > Acesso em: 04 de out. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12ª edição. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2009.

_____, Pierre (dir.). **A Miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____, Pierre **Coisas ditas** / Pierre Bourdieu; tradução: Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica: Paula Monteiro.- São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____, Pierre. **Questões de sociologia** / Pierre Bourdieu; tradução de Jeni Vaitsman.- Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983.

BRANDÃO, M. R. F. Transição de carreira esportiva em jogadores de futebol profissional. São Paulo, SP: **I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DO ESPORTE**, 2001.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papyrus, 2000.

CAMPBELL, Joseph, **O poder do mito com Bill Moyers** / Joseph Campbell ; org. por Betty Sue Flowers ; tradução de Carlos Felipe Moisés. - **São Paulo** : Palas Athena, 2008.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**/ Roberto Damatta. – Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

_____, Roberto. "O ofício de etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'". In: NUNES, E O (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, zahar. 1979.

DAMO, Arlei . **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. 1. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. v. 1. 359 p .

ELIAS, Norbert e DUNNING, Erick. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Nobert. Mozart: sociologia de um gênio. R.J., Zahar, 1994.

FLEITH Denise de Souza; SILVA, Paulo Vinícius Carvalho. Atletas talentosos e o papel desempenhado por suas famílias. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, São Paulo, v.3, nº- 4, janeiro/junho 2010.

FRANCH GUTIÉRREZ, Mónica. **Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife** – Mónica Franch Gutiérrez. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia, 2008.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos Deuses – futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das letras, 2007, 448.

FRANZINI, Fabio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREITAS. Armando. **O que é futebol?** / Amado Freitas, Sílvia Vieira; ilustrações Mariana Newlands. – Rio de Janeiro : casa da palavra : COB, 2006.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

_____, Michel *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004. 262 p.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**; tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GASTALDO, Édison. Esporte, violência e civilização: uma entrevista com Eric Dunning. **Horiz. antropol.** [online]. 2008, vol.14, n.30, pp. 223-231. ISSN 0104-7183. doi: 10.1590/S0104-71832008000200009.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol - dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais** / Mirian Goldemberg. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Record. 2005.

GRIJÓ, Fabio. COB divulga raios-X do esporte. **Jornal do Brasil.**, Rio de Janeiro, 22 de maio de 2001. Disponível em: < <http://www.JBonline.terra.com.br/> >. Acesso em: 27 de maio 2011.

GUTTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma historia da maior expressão popular do país**. São Paulo: contexto, 2009.

HANSEL. Luiz Gustavo; NEUENFELDT. Derli Juliano. A trajetória esportiva de dois ex-atletas iniciados precocemente na modalidade de basquetebol: da iniciação ao abandono. Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 108 - Mayo de 2007. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/> > ACESSO: em 05 de outubro de 2011.

HELAL. Ronaldo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria** / Ronaldo Helal, Antonio Jorge soares, Hugo Lovisoló. – Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

_____, Ronaldo. *Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário*. In: **Futbologias: fútbol, identid y violência em America latina** / Sergio Viena... [ET AL]; compilado por Pablo Alabarces. 1ª Ed. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

HOBBSAWM. Eric. . **A Era dos Impérios**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005.

M487. **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional** / Francisco Carlos Teixeira da Silva, Ricardo Pinto dos Santos – Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural– Coleção “Os Pensadores”, 1978.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. In: **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo: v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009. Disponível em: <www.usp.br/eef/rbefe/.../2_RBEFE_v23_n2_p103_19.pdf> Acesso: em 05 de outubro de 2011.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MENDELSON, D., El retiro del futbolista. *Revista Digital: Educación Física y Deportes*. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 set. 2011.

MELO, Manoel Luis. **Importância das escolinhas de futebol na formação do jovem atleta em Campina Grande-PB**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

MURAD, M. **A violência e o futebol. Dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____, Marcelo. **Dos Pés à Cabeça - Elementos básicos da sociologia do futebol**. Rio de Janeiro. Irradiação Cultural. 1996.

OLIVEIRA, Jean Marcel Mariano. **O contrato de trabalho do atleta profissional de futebol**. São Paulo LTr. 2009.

OLIVEIRA, J. M. P. S. ; MARCIER, H. . Barreiras, transgressões e invenções de mercado: a inserção econômica de jovens pobres. In: XII Encontro nacional de estudos populacionais, 2000. XII Encontro nacional de estudos populacionais, 2000.

PERRUSI, A. F. A. Notas sobre futebol e violência. **CAOS. Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa: UFPB, no. 01, 2000.

_____. **Tirania da Identidade: profissão e crise identitária entre psiquiatras** [tese de doutorado]. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2004.

PIMENTA, C. A. M. . O Sonho na Sociedade Contemporânea: juventude e futebol. *Revista Ponto e Vírgula*, v. 3, p. 112-129, 2008.

PIRES, J. G. **O viver de ontem e de hoje do jogador de futebol profissional: o caso da cidade de Bauru**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba: Piracicaba, 1994

PRONI, Marcelo W. Ética e futebol no Brasil: Argumentos para reflexão. In: **Esporte e Sociedade**, ano 2, n.5, Mar.2007/Jun.2007. Disponível em: <<http://www.futebolesociedade.com.br/download/27e48f1a29aea926311c.pdf>> acesso em: 02 out. 2011.

RIBEIRO, Nilson. **Transferências internacionais**. Disponível em: <www.mastersports.com.br> acesso em 14 de novembro de 2011.

REIS, Heloisa Helena Baldy e ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e Sociedade**. Brasília. Liber livros. 2006.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. In **Sociologias**, Porto Alegre: ano 6, nº 11, jan/jun 2004, p. 260-299. ISSN 1517-4522.

RODRIGUES, F. X. F. . A situação do negro no futebol brasileiro: trabalho, desigualdade e vulnerabilidade social. *Akrópolis* (UNIPAR), v. 15, p. 179-189, 2007. ; *Meio de divulgação*: Impresso; Homepage: <http://revistas.unipar.br/akropolis>; Série: 4; ISSN/ISBN: 15175367. <ACESSO EM 15 DE OUTUBRO 2011>

ROSENFELD, A. **Negro, Macumba e Futebol**. Campinas. Unicamp. 1993.

SOUTO, Sergio M. os três tempos do jogo: anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro/ Sergio M. Souto; prefacio, Luis Mendes – Rio de Janeiro, Graphia, 2000.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. IN: **Movimento vol.16, num.1, enero – marzo**. Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLO, Tiago Lisboa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, jul./dez. 2008.

SILVA, Joana Lessa F. Entre amadorismo e profissionalismo – o exemplo do processo de esportivização brasileiro a partir do futebol. In: **Anais: XII simpósio internacional processo civilizador**. RECIFE. 2009.

TOLEDO, L. H. . No país do futebol. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000. v. 1. 78 p .

TOLEDO, L. H. . Futebol e Teoria Social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001.

VIEIRA, J. J. De jogo em jogo: uma análise sobre aspectos raciais e mobilidade social no futebol carioca. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26.2002, Caxambú. **Anais...** Caxambú: ANPOCS,2002. < ACESSO EM 15 DE OUTUBRO 2011.>

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais/ Max weber; tradução Gabriel Cohn** – São Paulo: Ática, 2006. 112p. – (Ensaios comentados).

ANEXOS

Auto Esporte 4 x 2 ABC



Foto: Arthur Silveira Guimarães



Foto: Arthur Silveira Guimarães



Foto: Arthur Silveira Guimarães